

APOLLONIA – HISTÓRIA DO SÍTIO, SUAS PESQUISAS E ESCAVAÇÕES

Israel Roll

LOCALIZAÇÃO E REMANESCENTES VISÍVEIS

Apollonia-Arsuf está localizada em um penhasco de *kurkar* (dunas de arenito fossilizado) em frente à costa mediterrânea, na parte noroeste da cidade moderna de Herzliya (cf. planta geral do sítio, em anexo). O sítio está a uma distância de 17 km ao norte de Joppa e 34 km a sul de Caesarea. Ele também está situado a uma distância quase igual, de cerca de 10 km, das fozes dos (Nahal) Yarkon a sul e do (Nahal) Poleg a norte, isto é, na metade da costa ocidental da Planície de Sharon do Sul. Na parte ocidental do sítio, o solo alcança uma altitude de 35 m acima do nível do mar, e daí ele cai gradualmente em direção a leste, até cerca de 20 m acima do nível do mar.

Os remanescentes acima do solo antes das escavações incluíam: uma muralha medieval protegida por um fosso, que cerca uma área de aproximadamente 90 dunams¹ e inclui um portão da cidade a leste; um castelo cruzado, no lado noroeste, que inclui um sistema de fortificações de 3 muralhas de cerca de 4 dunams cercadas por um grande fosso; um porto de cerca de 3 dunams, com cais construídos, que estão relacionados e se estendem do castelo até o mar; e, um ancoradouro protegido de cerca de 30 dunams, que é protegido por um recife de arenito que se

Israel Roll é Professor do Department of Classics, Tel Aviv University, diretor geral das escavações em Apollonia-Arsuf, chefe da equipe israelense de pesquisa.

Texto publicado originalmente por ROLL, Israel. *Chapter 1 - Introduction: History of the Site, Its Research and Excavations*, in: ROLL, Israel & TAL, Oren (eds.). *Apollonia-Arsuf: Final Report of the Excavations*. Volume I: The Persian and Hellenistic Periods (with Appendices on the Chalcolithic and Iron Age II Remains). Jerusalem: Emery and Claire Yass Publications in Archaeology, 1999, p. 1 - 62. Traduzido por Thiago Bonfada de Carvalho, Núcleo de História Antiga/UFRGS, com atualizações acrescentadas por Raquel M. Rech (relato das temporadas de 2000 e 2002).

estende de norte a sul. O ancoradouro está situado a sul do porto e oposto à cidade antiga, e ainda é utilizado hoje por pescadores locais.

Grandes quantidades de cerâmica foram espalhadas pela superfície do lado de fora da muralha da cidade, a uma distância de cerca de 150 m para o norte e leste das fortificações medievais, e até 200 m para seu sul. A cerâmica pertence principalmente ao Período Bizantino e às primeiras décadas do Período Islâmico Inicial (séculos 6^o e 7^o d.C.), o que aparentemente indica que nesta época a cidade se estendia sobre uma área de cerca de 280 dunams. Não há evidências de que este grande centro urbano tivesse sido alguma vez fortificado².

No pé do penhasco, no nível da praia, duas fontes d'água foram comunicadas pelo time do Survey of Western Palestine (SWP) no século passado, um abaixo do canto sudoeste do castelo, e outro abaixo do canto sudoeste da cidade amuralhada. Estas fontes d'água não mais existem e não está de maneira alguma claro se elas estavam ativas na Antiguidade, e não há qualquer evidência de aquedutos levando ao sítio. O poço construído que está localizado a nordeste da cidade amuralhada, que inclui um poço e um tanque conectados por um canal, não está atestado antes da Primeira Guerra Mundial. Entretanto, as numerosas cisternas e tanques ainda visíveis através do sítio antigo indicam que seu suprimento de água era mantido em grande medida pelo recolhimento da água da chuva³.

HISTÓRIA E IDENTIFICAÇÃO

A história sucessiva de Apollonia-Arsuf, primeiro como um povoado costeiro e depois como um centro urbano e marítimo, cobre um período de cerca de dezoito séculos, do final do século VI a.C. até a metade do século XIII d.C. Durante deste período Apollonia-Arsuf foi aparentemente menos importante que Joppa, que normalmente servia de principal porto a Jerusalém. Era certamente menor e menos importante que Caesarea, que por longos períodos de tempo serviu como uma sede para governantes, governadores, e líderes da igreja. Isto parece explicar a relativa escassez de fontes escritas concernentes à história primitiva do sítio. De qualquer maneira, pouco após o declínio do sítio vizinho, a sul, de Tel Michal, durante os Períodos Persa Tardio e Helenístico, Apollonia-Arsuf gradualmente se tornou a principal cidade e porto da Planície de Sharon do Sul. Do Período Helenístico Tardio em diante também se tornou o principal centro comercial e industrial da

região, que se estendia do Nahal (riacho/rio) Poleg ao Nahal Yarkon⁴. É nesta época que Apollonia-Arsuf faz sua aparição nas fontes escritas. É mencionada pela primeira vez nos escritos de Flávio Josefo. Em sua lista de cidades (*polei*), que pertenciam aos judeus sob Alexander Jannaeus, ele menciona Apollonia entre a Torre de Straton (que se tornou Caesarea sob Herodes o Grande) e Joppa (*Antiquitates Judaicae* XIII, 15.4 [395]). De fato, esta lista menciona os nomes de cidades helenísticas que pertenciam anteriormente à Síria, Iduméia e Fenícia, e que se tornaram partes do reino hasmoneu. Esta fonte implica, portanto, que Apollonia já era considerada um centro urbano em tempos pré-hasmonéios, isto é, no período helenístico⁵. Entretanto, em outra afirmação de Flávio Josefo, na qual ele dá a razão para a construção do grande porto de Caesarea, ele explica que o rei Herodes executou o projeto porque "... entre Dora e Joppa, a meio caminho das quais a cidade [de Caesarea agora] está, a costa estava sem porto (*thn paralion alimenon*), fazendo com que navios viajando segundo a costa fenícia para o Egito tivessem que ancorar no mar aberto, quando ameaçados pelo vento sudoeste" (*Bellum Judaicum* I, 21, 5 [409]). Desta afirmação, podemos ser levados a acreditar que o ancoradouro natural de Apollonia não era considerado um porto confiável durante todas as estações no Período Helenístico. Entretanto, podemos assumir que durante o bom tempo, como é o caso durante a maior parte do ano nesta região do Mediterrâneo, navios servindo o tráfego marítimo costeiro podiam muito bem utilizar o ancoradouro⁶. A cerâmica importada dos principais centros de produção do mundo helenístico encontrada em Apollonia parece apoiar esta suposição (veja o Capítulo 5).

Flávio Josefo menciona Apollonia, mais uma vez, em uma das duas listas de cidades, nas quais Gabinius, o procônsul da Síria em 57-55 a.C., restaurou a ordem, logo após a imposição do governo romano na região. Em *Bellum Judaicum* I, 8, 4 [166] Apollonia é mencionada entre as cidades que foram re-habitadas (*sunepoli/sqhsan*) por ordem de Gabinius. Na lista paralela em *Antiquitates Judaicae* XIV, 5, 3 [88], que menciona cidades que foram reconstruídas (*a)nekti/sqhsan*) por Gabinius, Apollonia não é mencionada. Entretanto, Flávio Josefo adiciona que houve "... não poucas outras [cidades]" que foram reconstruídas nesta ocasião, e é possível que Apollonia fosse uma delas. Com base em dados arqueológicos, nenhuma das duas afirmações feitas por Flávio Josefo é apoiada pelos achados descobertos até agora em Apollonia⁷.

Em fontes escritas do Período Romano, Apollonia está listada entre as cidades costeiras da *Judaea/Palaestina*, e entre Joppa e

Caesarea, por Plínio (V, 13, 69; ed. Mayhoff 1906:390) e por Ptolomeu (*Geographia* V, 15, 2; ed. Müller 1901:987). Este último ainda forneceu as coordenadas da localização da cidade, que são 66° de longitude e 32° 15' de latitude. Não sabemos se estes números são resultado de cálculos baseados em uma orientação angular observada, ou em uma distância conhecida sobre o solo de algum local, que foram realmente localizados segundo o método da triangulação. Entretanto, Martianus Capella (*De Geometria* VI, 679; ed. Willis 1983:241) localiza *Apollonia Palaestinae* a uma distância de 188 milhas de Ostracine na costa norte do Sinai. Isto parece implicar que, em um certo estágio, também Apollonia pudesse ter servido como ponto de triangulação para calcular as distâncias entre lugares⁸.

A descrição de Apollonia na *Tabula Peutingeriana*, na estrada costeira entre Joppa e Caesarea, e a uma distância de 22 milhas desta última, é de grande importância na presente discussão. Este item cartográfico único, que em sua forma original pertencia à classe dos *itineraria picta*, era uma mapa oficial das estradas que intencionava guiar seus utilizadores oficiais enquanto viajavam a serviço. A representação de Apollonia indica que também ela servia como um membro da rede de estradas imperiais da região. Ainda mais, o número de 22 milhas corresponde à verdadeira distância entre os dois sítios antigos de Caesarea e Arsuf, o que provê uma prova formal da identificação de Apollonia com Arsuf⁹.

Também há muita documentação escrita na qual Apollonia não é mencionada, como o Novo Testamento, a Mishnah, e a literatura talmúdica. De fato, não temos evidências da existência de comunidades cristãs ou judaicas na Apollonia romana. Entretanto, considerando o fato de que grandes comunidades de ambas as fês estavam presentes na época romana tanto em Caesarea quanto em Joppa, e mesmo ainda mais perto, no *hinterland* do Sharon do Sul, podemos assumir sua presença também em Apollonia¹⁰. Como não havia cunhagem de moedas em Apollonia, isto parece prover uma prova formal de que as autoridades romanas não a consideravam um dos principais centros urbanos da província, mas sim uma cidade costeira de tamanho médio como Jamnia e Azotus. Entretanto, a impressionante *villa maritima* descoberta recentemente no sul do sítio (veja abaixo, as escavações de 1998), que mostram um método de planejamento e construção tipicamente romano, é uma prova tangível da presença cultural de Roma ali¹¹.

Apollonia também é mencionada em algumas fontes escritas do período bizantino. Ela aparece duas vezes na anônima *Cosmografia de Ravenna*, uma vez numa lista de centros urbanos da *Judaea-Palaestina*,

seguindo Caesarea e antes de Joppa (*Cosmography of Ravenna* II 14, 2; ed. Schnetz 1940:25), e novamente entre Joppa e Caesarea numa longa lista de cidades costeiras do Sinai, *Palaestina* e *Phoenicia* (*ibid.*: V, 7, 2; ed. Schnetz 1940:90). A menção de Apollonia em ambas as listas mostra que o nome da cidade não estava faltando da uma lista normal das cidades da província, que neste caso parece ter sido feita com base em um mapa de estradas (veja Dilleman 1997:156), nem de uma lista paralela de cidades costeiras do Mediterrâneo oriental. Apollonia também é mencionada em uma das cópias posteriores da *Cosmografia de Ravenna*, compilada pelo geógrafo Guido (*ibid.*; ed. Schnetz 1940:133). Nem está faltando da longa lista de 25 cidades com este nome, enumerada em detalhe por Stephanus Byzantius. Ela aparece lá como *Apollonia* n.º 13, localizada próximo a Joppa (*kata Iophn*)¹².

Entretanto, o topônimo Apollonia não é mencionado em nenhuma das listas eclesiásticas dos primeiros Concílios Ecumênicos. Stark (1852:452, nota 5), e depois Clermont-Ganneau (1896:337-339), conjecturaram que a ausência de Apollonia das listas eclesiásticas ocorreu porque o nome da cidade fora mudado para *Sozousa*. Eles apontaram que na época bizantina tais mudanças foram feitas em cidades nomeadas segundo *Apollo Soter*. Como a Apollonia da Cirenaica tornara-se *Sozousa* e a Apollonia da Trácia *Sozopolis*, *Apollonia Palaestinae* poderia ter sido renomeada similarmente. Como Clermont-Ganneau adicionou (1896:338), “... o fato perceptível permanece que a cidade Apollonias-Arsuf, apesar de ser de importância considerável, não aparece nas listas eclesiásticas, e que *Sozousa* é ali mencionada em conjunção com Joppa, o que harmonizaria bem com a posição geográfica de Arsuf”¹³.

Publicações posteriores e edições críticas de textos georgianos e árabes, que contam a captura persa de Jerusalém (conhecidos como *Expugnationis Hierosolymae A.D. 614*) e suas conseqüências, oferecem provas de que a conjectura citada acima está correta. Estes textos também documentam os feitos do patriarca Modestus, bem como sua morte a caminho de Jerusalém em 630-631 d.C. Este infeliz evento ocorreu na cidade chamada *Sozos* (ou *Sozosi*, isto é, *Sozousa*) nos textos georgianos (Conybeare 1910:517, Garitte 1960:55), e Arsuf nos textos árabes (Peeters 1923-24:41, Garitte 1953:38, 70; 1974:131). Este testemunho dá prova clara de que *Sozousa* e Arsuf são lugares idênticos e, conseqüentemente, que *Sozousa* e Apollonia eram nomes de uma única cidade. O fato de que Stephanus Byzantius menciona ambos os nomes, *Apollonia* (s.v. n.º 13) e *Sozousa* (s.v. n.º 1) vem, mais provavelmente, porque ele usou fontes de diferentes períodos. Ele parece ter utilizado uma fonte de épo-

ca romana quando listou Apollonia, e outra fonte do período bizantino quando mencionou Sozousa¹⁴.

De acordo com as listas eclesiásticas dos séculos V e VI, Sozousa era uma sé episcopal. A assinatura de um bispo chamado Baruchius (ou Barachius) de Sozousa aparece em vários documentos oficiais do sínodo de Éfeso que ocorreu em 449 d.C. Dois destes documentos, cada um dos quais inclui um parágrafo que sumariza a intervenção de Baruchius durante o sínodo, são de importância particular porque eles documentam a localização administrativa oficial e o status de Sozousa. Um deles começa com a frase "*Baruchius episcopus Sozusae Palaestinae provinciae*" (Schwartz 1935, Vol. II/3:183). A outra começa com as palavras "*Baruchius episcopus Sozusenae civitatis*" (*ibid.*:245). Um terceiro documento, que termina com o nome de seus signatários, também menciona "*Baruchius episcopus ecclesiae Sozusae*" (*ibid.*:255). Estas fontes indicam que, na metade do século V d.C., Sozousa/Apollonia era uma cidade da província bizantina da *Palaestina prima* que tinha o status oficial de *civitas*, e que sua comunidade cristã estava organizada em uma comunidade oficial liderada por um bispo¹⁵.

Por fim, o status da cidade parece ter sido desfeito com a oposição crescente à política religiosa do sínodo de Éfeso, rotulado "o sínodo dos ladrões" (*Latrocinium*) por seus opositores. No concílio ecumênico ocorrido em Calcedônia em 451 d.C. esta política foi totalmente revertida e muitos de seus signatários caíram em desgraça. Aparentemente, a consequência para Sozousa foi de que Baruchius era um dos bispos caídos, e assim era sua sé. Nenhum bispo de Sozousa é mencionado nas listas de conselheiros do concílio de Calcedônia, ou em listas dos concílios posteriores por quase um século.

Bispos de Sozousa aparecem novamente em listas oficiais de três encontros eclesiásticos do século VI d.C. Leontius, bispo de Sozousa, é citado em listas de dois sínodos que ocorreram em Jerusalém, primeiro em 518 d.C. e depois em 536 d.C. (Schwartz 1940, Vol. III:80, 188). Outro bispo, *Damianus episcopus Sozytanae civitatis* (Straub 1971:221), que também serviu como vice-regente do patriarca de Jerusalém Eustochius, é listado em uma série de documentos do Quinto Concílio Ecumênico ocorrido em Constantinopla em 553 d.C.¹⁶ A sede destes bispos pode ter sido a igreja com pavimento de mosaico inscrito, que foi descoberta em Apollonia em 1962 (Birnbaum e Ovadiah 1990, e veja abaixo).

A importância de Sozousa na Palestina Bizantina Tardia também é atestada por sua menção em duas das principais fontes do período. Estas

são o registro oficial de cidades, reproduzido no *Synecdemus* de Hierocles (719, 5), e o *opusculum* geográfico de Georgius Cyprius. A significância da cidade neste período parece ter sido aumentada por uma grande e afluyente comunidade samaritana, que, de acordo com os *Annales Samaritani* (p. 179) de Abulfathi (Abu al-fath), residia em Arsuf até a conquista árabe¹⁷.

Clermont-Ganneau (1897) deu um passo além com a identificação de Apollonia ao especular se ela também não poderia ter sido nomeada *Aphthoria* em algumas fontes do século V d.C. *Aphthoria* é mencionada na versão celiaca do *Plerophoriae* de Joannes Rufus (ca. 71). Também é mencionada em outro trabalho de Joannes Rufus, a *Vita Petri Iberi* (ca. 120), na qual é descrita como uma vila com dois monastérios 12 milhas a sul de Caesarea. A identificação desta vila com a cidade de Apollonia, uma *civitas* nomeada oficialmente *Sozousa*, que está localizada a 12 km de Caesarea, é claramente inadmissível. Clermont-Ganneau simplesmente foi longe demais no assunto¹⁸.

Em alguns dos textos árabes mencionados acima que descrevem a captura de Jerusalém em 614 d.C., Arsuf também é mencionada em conexão com a campanha militar sassânida na Terra Santa (Peeters 1923-24:13, Garitte 1953:4, 1974:75, 104). De acordo com estes documentos, a linha de marcha do exército sassânida de Caesarea a Jerusalém passava por Arsuf e Lydda, mais provavelmente seguindo a estrada costeira. Não há evidências de destruição em Arsuf neste período e nós podemos assumir que a cidade rendeu-se pacificamente aos conquistadores persas¹⁹.

A mesma estrada costeira foi provavelmente usada pela escolta que trouxe as relíquias do santo cristão Anastasius o Persa de Caesarea a Jerusalém. Isto ocorreu em 631 d.C., logo após os persas terem evacuado a Palestina. O texto grego *Acta Anastasii Persae* (ca. 6) relata que a escolta, que transportava as relíquias do santo à Cidade Sagrada, marchou via *Sozousa*. Nós podemos aprender deste documento bizantino tardio que o topônimo *Sozousa* continuou a ser utilizado para Apollonia-Arsuf até a conquista árabe²⁰.

Diversos autores muçulmanos, do século IX em diante, mencionam o topônimo Arsuf. Al-Muqaddasi, que nasceu em Jerusalém e dispunha de conhecimento direto da região, menciona Arsuf em sua lista das doze principais cidades da Palestina Islâmica Inicial. Ele também adiciona que, embora em seu tempo (~980 d.C.), Arsuf era menor que Jaffa (Joppa), ela era fortemente fortificada e densamente povoada. Arsuf aparece em listas similares de cidades principais compiladas por Ibn

Rusta (começo do século X) e por Yaqut (1225 d.C.), bem como no famoso mapa de al-Istakhri (compilado em 925 d.C.)²¹.

De acordo com al-Muqaddasi, Arsuf era considerada uma *Ribat*, isto é, uma cidade de fronteira na fronteira costeira do Islã bem como um centro para a compra de prisioneiros dos bizantinos. Nesta capacidade ela se tornou parte de um sistema organizado de aviso costeiro, que incluía altas torres localizadas no *Ribat*, e entre elas e a capital Ramla. As torres das cidades costeiras serviam como postos de observação, bem como estações de sinais que utilizavam fumaça durante o dia e fogo durante a noite para alertar as guarnições terra adentro. Em terra, Arsuf era parte da rede de estradas costeiras do país, à distância de uma marcha de Caesarea, e uma marcha de Ramla. Ibn Khurdadhbih, que fornece uma descrição acurada das principais artérias do tráfego no Califado da metade do século IX, menciona Arsuf entre Caesarea e Joppa, na estrada principal que conectava a Mesopotâmia ao Egito²².

Arsuf também servia como um centro religioso muçulmano onde diversos sábios que estudavam e transmitiam a literatura *hadith* viveram durante os séculos IX e X. Ainda assim, a população samaritana da cidade foi sujeita a severas perseguições durante os tumultos que aconteceram na região em 809, após a morte do califa abássida Harun al-Rashid. Esta calamidade é provavelmente representada pelo nível de destruição do estrato VI na Área B, descoberto durante as escavações de 1977 (veja abaixo o Capítulo 1.4)²³.

Arsuf teve um papel importante durante as Cruzadas, e por isso está muito melhor documentada nas fontes do período. Seguindo a conquista de Jerusalém pelos cruzados na metade de julho de 1099, se tornou vital para eles conquistar as cidades costeiras, que ainda estavam em mãos muçulmanas, para assegurar as comunicações com a Europa. Isto se provou uma tarefa difícil. Depois de seu fracasso em conquistar a cidade grande e pesadamente fortificada de Ascalon, os cruzados sitiaram, em outubro de 1099, a cidade menor de Arsuf. Entretanto, Arsuf também estava bem fortificada, e apesar de sua população estar preparada para negociar uma rendição formal, eles também estavam dispostos a defender sua cidade, se necessário. O cerco falhou, em parte devido à falta de homens e navios, e também devido à amarga rivalidade entre os dois comandantes dos exércitos cristãos, Godofredo de Bouillon e Raimundo de Toulouse. Estes dois líderes estiveram até às portas de um enfrentamento armado, mas isto foi evitado no momento crítico por uma intervenção dramática de Roberto de Flandres. Seguiu-se que Arsuf

rendeu-se nominalmente a Godofredo, e, através de uma troca de reféns, o cavaleiro Gerard de Avesnes foi admitido na cidade²⁴.

Os cruzados não podiam aceitar este acordo que na verdade deixava Arsuf em mãos muçulmanas, porque apenas o controle direto da cidade e de seu porto poderia satisfazer suas necessidades. Assim, logo depois, Godofredo de Bouillon renovou o cerco à cidade utilizando torres de cerco móveis de madeira. Apesar dos defensores tentarem desencorajar os atacantes crucificando e depois expondo Gerard de Avesnes acima da muralha da cidade, deixando-o à mercê das flechas de seus camaradas cristãos, isto não teve efeito algum em Godofredo. Ao contrário, aumentou a determinação dos cruzados em tomar a cidade. Ainda assim, o cerco falhou novamente. As duas torres de cerco erigidas pelos atacantes foram queimadas pelo "fogo grego" dos defensores, uma após a outra, e o exército cruzado, de apenas 3.000 homens, era pequeno demais para tomar as fortificações. Na metade de dezembro de 1099, Godofredo levantou o cerco, mas deixou parte de seu exército em Ramla com ordens de atacar constantemente o *hinterland* da cidade. Através destes esforços, os cruzados conseguiram surpreender e aniquilar uma guarnição de socorro de 300 homens enviada por mar do Egito para Arsuf. Os habitantes de Arsuf, vendo a necessidade de ir a termos com Godofredo, enviaram uma embaixada a Jerusalém no final de março de 1100, e lhe ofereceram simbolicamente as chaves para os portões e torres da cidade, bem como um tributo anual. Godofredo aceitou esta submissão formal de Arsuf e distribuiu o tributo a um de seus cavaleiros mais leais, Roberto da Apúlia. Pouco depois, Gerard de Avesnes fez sua impressionante aparição em Jerusalém são e salvo após ter sido solto pelos arsufenses em um ato de boa vontade²⁵.

O destino da Arsuf muçulmana foi selado um ano mais tarde, no final de abril de 1101, pouco depois do irmão de Godofredo, Balduíno, assumir o título real e tornar-se o primeiro rei do Estado cruzado. Nesta época, uma frota genovesa chegara à Terra Santa e Balduíno concluiu um pacto com os marinheiros italianos, prometendo que para cada cidade costeira conquistada em parceria, ele daria um terço dos espólios e a propriedade de uma rua de mercado. Seguindo-se ao acordo, um forte exército cruzado sob o comando único de Balduíno cercou Arsuf por terra, enquanto a frota genovesa evitava qualquer aproximação por mar. A desesperança crescente dos arsufenses foi ainda exacerbada pelo medo de represálias impiedosas devido a seu comportamento cruel em relação a Gerard de Avesnes durante o cerco anterior. Sua resistência cessou após três dias de luta e eles ofereceram a capitulação com a condição de

que suas vidas fossem poupadas e que eles estariam livres para deixar a cidade em segurança com suas posses. Balduino concordou com seus termos e manteve sua palavra. Arsuf foi abandonada por sua população muçulmana, que imigrou primeiro para Ascalon e depois para o Egito²⁶.

A cidade cruzada, agora chamada Arsur, tornou-se uma possessão da Coroa. O rei Balduino designou a parte combinada aos genoveses, definida como um terço da cidade, e guarneceu o local com um pequeno contingente. Arsur tornou-se uma ligação na corrente marítima dos cruzados se conectando à Europa por mar, e um ponto forte guarnecido em terra. Desta maneira ela iria desempenhar um papel importante um ano depois na segunda metade de maio de 1102. Após a desastrosa derrota de um exército cruzado liderado por Balduino nas mãos dos egípcios na segunda batalha de Ramla, o rei foi forçado a fugir por sua vida. Após viajar por dois dias e duas noites pelo território hostil do sopé das montanhas da Samaria ocidental, Balduino cruzou a Planície de Sharon do Sul e alcançou Arsur em um estado de completa exaustão. Aqui, ele foi calorosamente recebido por Roger de Haifa, o comandante da guarnição local, que logo foi reforçada com 80 cavaleiros escolhidos a dedo, vindos da Galiléia e comandados por Hugo de Saint Omer. Após se recuperar, Balduino navegou a Joppa a bordo de um navio que pertencia a um corsário inglês chamado Goderico, e forçou sua passagem, bandeira no mastro, através do bloqueio muçulmano. Os cavaleiros reunidos em Arsur fizeram o caminho a Joppa por terra. Assim, num momento crítico no próprio começo do Estado cruzado, Arsur desempenhou o papel fundamental de refúgio seguro, base de recuperação, e ponto de reorganização para o rei e suas forças. Finalmente, estes eventos culminaram na grande vitória cruzada sobre os muçulmanos na Terceira Batalha de Ramla²⁷.

Várias décadas depois, Arsur tornou-se a sede de um senhorio feudal que se estendia sobre a Planície de Sharon do Sul entre o Nahal Yarkon e o Nahal Poleg e da costa mediterrânica ao sopé das montanhas da Samaria. O primeiro senhor conhecido deste senhorio é um certo *Johannes de Arsur* listado como uma testemunha de um documento legal em 1163. Este João de Arsur, também conhecido como *Dominus Johannes de Azoto*, parece ter herdado o senhorio de seu pai, cujo nome e data de governo não nos são conhecidos. Posteriormente, em conexão com a visita real de Amalrico I a Constantinopla em 1171, João é mencionado como um nobre do reino e membro da *entourage* real²⁸.

Durante o domínio de João de Arsur o reino cruzado enfrentou grandes transtornos, que culminaram em julho de 1187 no *débâcle* dos

Cornos de Hattin. Logo depois, toda a costa palestina, inclusive Arsur, caiu em mãos muçulmanas. Quatro anos depois, quando a Terceira Cruzada atingiu a Terra Santa, as muralhas de Arsur e outras cidades costeiras foram demolidas por ordem de Saladino. Este ato foi executado, aparentemente, devido à inferioridade naval de Saladino que se seguiu à perda de sua frota durante o cerco de Acco (Akko)²⁹. Em 7 de setembro de 1191, os cruzados, liderados pelo rei Ricardo Coração de Leão, conseguiram uma grande vitória sobre o exército de Saladino no famoso encontro militar conhecido como Batalha de Arsuf, que tomou lugar próximo à cidade. O cavaleiro *Jacques d'Avesnes* caiu heroicamente em batalha e seu corpo foi posteriormente encontrado coberto de sangue e repleto de ferimentos, com 15 corpos muçulmanos ao redor dele. Este grande guerreiro foi enterrado solenemente no dia seguinte na Igreja da Santa Senhora (*El moster de la seinte dame*), isto é, de Santa Maria, dentro da cidade de Arsur³⁰.

Seguindo o tratado de paz entre cristãos e muçulmanos no começo de setembro de 1192, a cidade e o senhorio de Arsur foram formalmente devolvidos aos cruzados, e a seus donos legais - os senhores de Arsur. João de Arsur morreu em 1198 enquanto caçava nas florestas de seu domínio. Não tendo filhos com sua esposa, *Helois de Brie*, seu senhorio passou à sua irmã Melisende. Ela logo se casou com Thierry de Orca (*Terricus de Orca*), que num documento legal de 1198 era nomeado *dominus de Arsur*³¹.

Algum tempo depois de 1200, Thierry morreu e por volta de 1207 Melisende casou-se com João de Ibelin, depois conhecido como o "Velho Senhor de Beirute", que serviu como *Constable* do reino de Jerusalém e desempenhou um papel importante nos assuntos dos cruzados. Assim, Arsur tornou-se feudo dos Ibelinos, uma das famílias mais poderosas da aristocracia cruzada. Seu senhor tinha o direito a *court et coins et justise*, isto é, aos três principais órgãos do poder feudal: uma corte superior para os feudais e seus vassalos; um selo senhorial para sancionar documentos legais; e uma corte de justiça para os súditos do senhor. O senhorio de Arsur contribuía com cinquenta soldados de infantaria para defender o reino, e de um documento posterior aprendemos que seus vassalos consistiam de seis cavaleiros e vinte e um ajudantes³².

João de Ibelin morreu em 1236 e seu quarto filho, João II de Ibelin, herdou o senhorio de Arsur com o consentimento de seu irmão. João II também se tornou profundamente envolvido com os assuntos políticos e militares dos cruzados. O Imperador Frederico II lhe havia cedido previamente o feudo de Foggia na Apúlia, o que lhe permitia usar o nome

Johan de Foges. Após tornar-se senhor de Arsur ele é normalmente referido em documentos legais como *Johan d'Ybelin, dominus de Arsur*, e como *sire d'Arzur* ou *seignor d'Arzur* em fontes francesas medievais. Durante seu domínio ele serviu como *Constable* e *Bailli* do reino de Jerusalém. Em seu próprio domínio ele começou a fortificar o castelo de Arsur em 1241³³.

João II morreu em 1258 e o senhorio foi herdado por Balian de Ibelin, seu filho de seu casamento com Alice de Haifa. Luís IX da França havia tomado Balian cavaleiro em 1254 e naquele mesmo ano Balian casou-se com Plaisance, a viúva de Henrique I de Chipre. O casamento foi dissolvido em 1258 e Balian logo tomou outra esposa, Lúcia de Chenechy, que deu à luz a quatro crianças, incluindo seu herdeiro, João IV de Ibelin de Arsur. Um item muito importante foi preservado do pequeno tempo do efetivo domínio de Balian (1258-1261). Isto é, uma reprodução de seu selo oficial. Um lado do selo representa um cavaleiro em armadura completa brandindo sua espada e galopando à direita de um cavalo com jaez. A inscrição ao lado diz: *Ba(lian) d'Ybel(in) s(eigneur) d'Ar(sur) co(n)establ(e) dou reaume d(e) I(e)r(usa)l(e)m*. O outro lado exhibe um castelo fortificado com ameias, que incluem duas torres nos cantos e um portão dominado por um *donjon* central. A inscrição ao lado diz: *Ce est le chastiau d() Arsur*. O documento reproduzido, apesar de esquemático, fornece uma representação iconográfica única do senhor de Arsur e seu castelo³⁴.

A Ordem do Hospital de São João de Jerusalém já estivera envolvida nos assuntos de Arsur e seu domínio no começo do século XII. Antes de 1100, os Hospitalários possuíam um *casale* não-identificado “. . . na terra de Arsur próximo aos moinhos” (*in terra de Azoto juxta molendina*). Este título foi confirmado em 1154 por Balduino III. Outra possessão, localizada na bacia superior do Yarkon, que incluía “. . . moinhos na (área das) três pontes, uma ilha inteira e dez carrucatas de terra” (*molendina trium pontium, insulam totam et X terrae carrucatas*) foi confirmada em 1133 pelo Senhor Hugo de Joppa e novamente em 1153 pelo Papa Eugênio III. O restante dos moinhos, até “. . . a velha ponte na estrada para Arsur” (*inter molendina predicta et veterem pontem, per quem itur apud Arsur*), foram comprados pela Ordem a João II de Ibelin em 1241, por 3.000 besantes. É plausível que esta receita tenha sido utilizada por João II para financiar a construção de seu castelo, uma tarefa que ele iniciou no mesmo ano, conforme mencionado acima. Com o perigo crescente do império mameluco em expansão, liderado pelo sultão Baybars que tomara o poder em 1260, se tornou crucial para uma

ordem militar forte e bem organizada tomar conta de e guarnecer Arsur. Assim, em 1261, o castelo, a cidade, e todo o senhorio de Arsur (*castellum, civitatem et dominium Arsur*) foram arrendados aos Hospitalários por Balian de Ibelin, por 4.000 besantes por ano. Na verdade, este ato trouxe o senhorio de Arsur a seu fim. De qualquer maneira, os herdeiros da linha de Arsur dos Ibelinos continuariam a utilizar o título formal de senhor ou senhora de Arsur até o final do século XIV³⁵.

Os Hospitalários receberam os lucros da justiça em Arsur em 1263 e, de acordo com fontes muçulmanas, no mesmo ano eles "... iniciaram a construção de um *rabad*" na cidade. Isto provavelmente queria dizer uma extensão a leste da cidade amuralhada. Baybars considerou este ato uma violação do tratado que ele acabara de concluir com alguns líderes cruzados. Foi nesta ocasião que o líder mameluco formulou seu famoso dito jocoso quanto ao próprio conceito do sistema de pontos fortificados dos cruzados: "Cidades não são guardadas por muralhas, nem são os cidadãos protegidos por trincheiras, ... Nós não temos pontos fortificados exceto nossos cavalos, por trincheiras nada temos senão nossas espadas, e nossas únicas muralhas são nossos homens"³⁶.

Na metade de março de 1265, um grande e bem preparado exército muçulmano, sob o comando pessoal de Baybars, iniciou o cerco de Arsur. Dois anos antes, durante o cerco de Acco, o exército de Baybars consistia de 30.000 soldados, um número que talvez tenha alguma relevância em relação ao cerco. Do ponto de vista dos cruzados, Arsur estava relativamente bem preparada. Sua cidade e castelo estavam fortemente fortificados, bem aprovisionados, e defendido por cerca de 2.000 guerreiros, dos quais cerca de 270 pertenciam aos Irmãos da Ordem. O primeiro passo dos muçulmanos foi encher o fosso da cidade com vigas de madeira, mas os defensores logo atearam fogo nelas. Então os atacantes cavaram duas minas retas em direção ao castelo, provavelmente a partir do norte, próximo à muralha da cidade. Eles encontraram uma contra-mina, e seu suporte de madeira foi queimado. Então Baybars ordenou que fossem cavados simultaneamente fossos em aproximação que foram cuidadosamente planejados por seus engenheiros, que fossem empilhadas rampas de assalto no fosso, que a muralha da cidade fosse continuamente bombardeada com grandes pedras arremessadas por catapultas e incomodar constantemente os defensores com flechas. Para inspirar seus homens, o sultão se misturou a eles, fazendo todo tipo de trabalho com suas próprias mãos e lutando como um deles. Em 26 de abril de 1265, após quarenta dias de cerco, um ataque combinado foi executado e a cidade foi tomada por assalto. Os defensores sobreviven-

tes se refugiaram no castelo e continuaram a lutar com magnífica coragem. Entretanto, após mais três dias de violentas lutas, guerreiros muçulmanos tomaram controle de parte das fortificações do castelo e foram capazes de erguer as bandeiras do Islã sobre os muros. Os Hospitalários, após terem perdido mais de 1.000 guerreiros, incluindo 90 cavaleiros, pediram para se render sob a condição de que os sobreviventes deviam ser livres para partir. Baybars a princípio concordou, mas depois quebrou sua palavra e todos eles foram escravizados. Além disso, ele forçou os prisioneiros cristãos a participar na demolição sistemática de sua própria fortaleza. A isso se seguiu que todo o sítio de Arsur foi obliterado até o chão e deixado em ruínas. Esta destruição final é largamente atestada pelas camadas grossas de conflagração e ruínas que foram descobertas nas áreas escavadas por todo o sítio em geral, e no castelo em particular³⁷.

No campo muçulmano a vitória sobre os cristãos foi seguida por uma alegre distribuição dos espólios às tropas e pela cessão da propriedade das terras capturadas a emires que participaram da luta. No mundo cristão, a queda de Arsur, e de Caesarea antes dela, teve um eco terrível. O Papa Clemente IV reconheceu oficialmente a gigantesca perda de homens de fé em Arsur em diversas ocasiões. Houve expressões populares de desespero, como aquela do trovador templário Ricaut Bonomel, que escreveu um poema amargo, no qual ele se queixa de que Deus dormira enquanto os muçulmanos triunfavam em Arsur e que Ele parecera alegrar-se com a derrota dos cristãos. Finalmente, parece a melhor maneira de terminar a discussão da Arsur Medieval com o sumário de Abu al-Fida, que escreveu em 1321: "Arsuf, em Filastin, era uma cidade populosa, possuindo um castelo. Ela está na costa do Mar Grego, a 12 milhas de Arramlah, 6 milhas de Yafa e 18 milhas de Kaisariyyah. Ela tinha um mercado, e estava cercada por uma muralha; mas atualmente a cidade está em ruínas e não existem habitantes" (Le Strange 1890: 399)³⁸.

HISTÓRIA DA PESQUISA

Durante seus dois séculos e meio de governo sobre a Palestina, os mamelucos deixaram intencionalmente a costa em ruínas para evitar quaisquer incursões potenciais dos cristãos, caso eles voltassem. Os mamelucos mudaram sua atenção para leste, em direção à faixa aluvial norte-sul do *marzeva* (campina pantanosa), que servia à estrada principal que ligava Damasco ao Cairo. Portanto, Arsuf não só foi

deixada em ruínas, como também gradualmente se tornou um sítio esquecido, longe das principais linhas de comunicação do país. Seguindo-se à conquista otomana em 1517, um lento processo de repovoação da costa iniciou. Uma pequena comunidade de agricultores se assentou, não em Arsuf mas em Sidna 'Ali, cerca de 800 m a sul do castelo em ruínas. Ali um santuário (*haram*) muçulmano foi construído e, de acordo com a inscrição encontrada nele, veio a comemorar o enterramento de 'Ali ibn 'Aleim, que caiu heroicamente em 1081 enquanto defendia Arsuf de invasores estrangeiros. Este evento pré-Cruzadas parece estar ligado à invasão dos turcomanos que devastaram a Palestina na época e que também provavelmente tentaram conquistar a Arsuf muçulmana. Cerca de dois séculos depois, durante o cerco mameluco da Arsuf cruzada, Baybars visitou o túmulo, e ao fazê-lo ficou identificado com os feitos heróicos e 'Ali ibn 'Aleim. Uma tradição surgiu de que o próprio Baybars teria ordenado a construção do *haram* e esta tradição se manteve, até apenas recentemente, por séculos. No final do século XV, o santuário, que incluía um alto minarete, sofreu reparos substanciais e novos elementos foram adicionados. Uma torre foi construída sobre sua sala ocidental, um poço foi cavado no pátio, e a tumba que anteriormente era feita de madeira foi coberta por mármore. No século XVII outra tradição, conectando Sidna 'Ali com Jafé, o filho de Noé, foi estabelecida. Isto atraiu muitas mulheres de fé muçulmana, cristã e judaica que eram estereis ou maltratadas por seus maridos a virem aqui encontrar ajuda através da devoção religiosa³⁹.

Não existem documentos sobreviventes quanto à localização do sítio antigo e medieval de Apollonia-Arsuf e ele foi completamente esquecido. Além disso, estudiosos e viajantes do século XVIII e da primeira metade do XIX acreditavam que suas ruínas poderiam estar localizadas mais ao norte, próximo à foz do Nahal Poleg. O estudioso holandês Hadrianus Reland foi o primeiro a sugerir que a Apollonia antiga e a Arsuf medieval eram as mesmas. O cartógrafo francês Pierre Jacotin também aceitou a localização no Nahal Poleg, bem como os viajantes britânicos Irby e Mangles, e mesmo o grande estudioso americano Edward Robinson, que é geralmente considerado o fundador da geografia histórica moderna da Palestina antiga. O clérigo inglês Richard Pococke, que navegou pela costa de Joppa a Acco em 1738, foi claramente uma exceção. Ele anotou que 5 léguas a norte de Joppa “... nós vimos uma mesquita nos altos penhascos próximos ao mar (i.e. *haram* Sidna 'Ali) e logo depois uma fortificação ruída na costa,

que parecia ter um profundo fosso escavado em três lados dela (i.e. o castelo cruzado). Apollonia . . . poderia estar próximo a este lugar” (Pococke 1748, Vol. II:51)⁴⁰.

Apollonia-Arsuf foi aparentemente “redescoberta” na metade do século XIX, e a primeira descrição detalhada de seus remanescentes foi fornecida pelo estudioso francês V. Guérin (1875:375-382). Guérin visitou o sítio em 1854 e novamente em 1863, e descreve os seguintes remanescentes que observou acima do solo: uma grossa muralha da cidade flanqueada por torres (na realidade, contrafortes) e protegida por um fosso de 14 passos de extensão; presumivelmente quatro (sic!) portões da cidade, dos quais ele viu apenas dois (apenas um portão foi descoberto até agora); uma forte fortaleza (i.e. o castelo cruzado) cercada por um extenso fosso e protegida por um complexo de fortificações de dois muros, que inclui um portão fortificado e uma rampa que leva à cidade, e uma escadaria coberta que leva ao porto mais abaixo, que ele denomina “porto militar”. Ele incluía dois molhes e um quebra-mar que agora desapareceu. A descrição de Guérin é de grande importância porque ele viu elementos arquitetônicos que subsequentemente desapareceram, como o portão da fortaleza, a rampa e a escadaria. Estas e outras características estão ausentes hoje, parcialmente como resultado de causas naturais e parcialmente devido à pilhagem em grande escala de pedras de construção que, de acordo com Guérin, eram enviadas principalmente a Joppa.

Pouco depois, em 1874, a equipe britânica do Survey of Western Palestine, sob a supervisão de C. Conder, executou a primeira prospecção sistemática do sítio. Medições básicas das principais características do sítio foram feitas, e incluem:

1. A cidade amuralhada dentro do fosso medindo 1452 pés (ca. 442 m) por 660 pés (ca. 201 m), o que dá uma área de 22 acres (quase 90 dunams); a extensão média do fosso é de 40 pés (ca. 12 m).

2. O castelo cruzado medindo “. . . cerca de meio acre” (na verdade, ca. 4 dunams), cercado por três lados por um fosso de cerca de 100 pés (ca. 30 m) de largura.

3. O porto do castelo medindo 100 jardas (ca. 91 m) por 40 jardas (ca. 36 m, o que dá uma área de 3 dunams), com uma entrada de 30 pés (ca. 9 m) de largura a sudoeste.

Em adição às características descritas por Guérin, Conder também identificou na cidade amuralhada várias cisternas, uma abóbada, um grande edifício a oeste do portão da cidade, e indicações de duas pontes levadiças - uma do castelo em direção à cidade, e outra da muralha da

cidade para fora. Uma planta acurada do sítio foi desenhada “. . . com cadeia de agrimensor e bússola”, e este é a única planta feita no local do sítio jamais publicada, até a presente publicação. A localização geral do sítio também foi representada acuradamente na folha da Planície de Sharon do Sul de seu mapa detalhado⁴¹.

Os novos dados sobre Apollonia-Arsuf publicados por Guérin e Conder acentuaram a importância do sítio entre os estudiosos e estimulou discussões de natureza mais geral. Clermont-Ganneau se preocupou com os diversos nomes do sítio e suas origens. Seu ponto de partida foi um sólido, o nome árabe *Arsuf*, que era o nome do sítio em sua própria época. Ele argumentou que este nome era derivado daquele do deus fenício *Reshef*, e, possivelmente, do epônimo bíblico de mesmo nome. Conseqüentemente, o nome do sítio em tempos pré-helenísticos deve ter sido um nome semita e baseado na designação deste deus (veja o Capítulo 2). Entretanto, o deus fenício *Reshef* já fora identificado com o deus grego *Apollo* no século IV a.C. Na época helenística, assim, o nome do sítio foi modificado para *Apollonia*. Conforme mencionado acima, Clermont-Ganneau continuou a argumentar que durante o Período Bizantino alguns topônimos nomeados segundo *Apollo* mudaram seu nome para *Sozousa*, o que parece ter ocorrido também com a *Apollonia Palaestinae*. Mas ele foi cuidadoso ao indicar a natureza tentativa de sua sugestão para outra mudança de nome, para *Aphthoria*, com um ponto de interrogação. De qualquer maneira, após a conquista árabe, o nome do sítio retornou à sua origem semita, *Arsuf*. Esta seqüência histórica de nomes adquiriu uma aceitação geral no mundo acadêmico que, em termos gerais, mantém atualmente⁴².

Na mesma época Schürer (1907:132-134) forneceu um sumário conclusivo da história de Apollonia, no capítulo sobre as cidades helenísticas de seu monumental trabalho histórico. Este sumário manteve-se o texto de referência padrão para o sítio durante a maior parte do século XX.

Outras discussões de Apollonia-Arsuf foram esporádicas e limitadas a itens específicos ocasionalmente encontrados na superfície. Estes incluem:

1. Uma estátua de mármore de uma águia em pé com asas fechadas, com 64 cm de altura. No seu peito, preso a um pequeno colar, está um medalhão contendo um monograma. O bico e a parte inferior do corpo estão faltando. A localização atual da estátua é o Archaeological Museum de Istambul, para onde foi levada a partir do *haram* ‘Ali ibn ‘Aleim, algum tempo antes de ser identificada pela primeira vez em 1881. Sua loca-

lização original é documentada como sendo Arsuf. A característica interessante deste monumento é seu monograma, que diz: IOULIANOS. Esta parece ser uma referência ao nome do imperador romano Juliano (361-363 d.C.), que foi deificado no Oriente em vida, e identificado com alguns dos grandes deuses sírios, dos quais a águia era um dos atributos⁴³.

2. Um fragmento de um relevo em mármore mostrando a parte inferior de duas pernas de cavalos. Documentado no começo da década de 1880 em Arsuf, sua localização atual é desconhecida. O fragmento preservado claramente mostra que os cascos dos cavalos estão protegidos com ferraduras presas por pregos. Este documento iconográfico, apesar de fragmentário, é de grande importância porque está diretamente relacionado à contenciosa questão de quando e onde iniciou o uso normal de ferraduras. O relevo de Arsuf não se originou em um contexto arqueológico e, portanto, não dá contribuição ao debate. Entretanto, a origem geralmente aceita do uso de ferraduras na Europa por volta de 900 d.C. pode ser utilizada para se colocar o monumento de Arsuf no período que se estende desta data em diante. Neste caso, uma data do Período Cruzado parece inteiramente lógica⁴⁴.

3. Um lintel de rocha calcária de 110 cm de largura de uma tumba, que exhibe uma inscrição grega encaixada numa *tabula ansata*. Documentada no começo da década de 1880, teria sido encontrada em Arsuf; sua localização atual é desconhecida.

A inscrição diz:

Es theòs ho zoov Bábás Maximou eggónen Kosmàs epoiesen o mn emion n(e)k(ro)d(óchon) Markellina Ioust(ina)

Dí Segni (1994:101) sugeriu a seguinte tradução:

Um é o deus vivente. Babas (filho) de Maximus, neto de Kosmas, construiu o monumento funerário para Marcellina Justina.

Babas é um nome aramaico utilizado na Antigüidade Tardia por samaritanos e também por judeus. Entretanto, a prevalência deste nome entre os samaritanos, que certamente cresceu após a liderança do grande Baba Rabba, parece indicar que o Babas da inscrição de Arsuf era um samaritano. Pode-se adicionar que uma presença samaritana em Arsuf nos Períodos Romano e Bizantino também é atestada por um anel com inscrições samaritano (veja abaixo) e por numerosas lamparinas samaritanas descobertas no sítio⁴⁵.

4. Uma pedra tumular, de 94 cm de altura, com uma inscrição grega inscrita em um retângulo, apoiada por um frontão com acroteria nos cantos e uma roseta dentro de um tímpano. Encontrada em Arsuf, de propriedade do Barão Ustinow, está presentemente no Israel Museum em Jerusalém.

A inscrição diz:

*Zoila entha/de keitai/ethon tria/konta,
fi/landros / gls, Apel /laiou ks/thârsei*

Ela pode ser traduzida como se segue:

Aqui jaz Zoila, trinta anos de idade, que amava seu marido. (Morreu no ano) 233, 26 de Apellaios. Coragem.

Para a datação exata da inscrição, três eras foram sugeridas: Era Selêucida, que dá 79 a.C.; Era Pompéia, que dá 170 d.C.; Era Gabinia, que dá 176 d.C. Conforme mencionado acima, Flávio Josefo (*Bellum Judaicum* I, 8, 4 [166]) menciona Apollonia como uma das cidades re-habitadas por ordem de Gabinius. Isto torna a era de Gabinius mais plausível, e o ano de 176 d.C. a data a ser preferida⁴⁶.

Apollonia-Arsuf sofreu severos danos durante as hostilidades turco-britânicas na Primeira Guerra Mundial. No final de dezembro de 1917, durante o avanço do exército britânico de Joppa para o norte, suas unidades tomaram controle do terreno elevado em Arsuf e proximidades e se entrincheiraram ali. Assim, o local tornou-se uma posição militar avançada britânica e, conseqüentemente, a artilharia turca o bombardeou duramente. Esta situação durou dez meses, até a grande ofensiva britânica de setembro de 1918 (que culminou na “Batalha de Megiddo” final), e certamente ela teve um impacto devastador nas camadas arqueológicas superiores do sítio⁴⁷.

Outros itens foram esporadicamente encontrados na superfície, principalmente pequenos achados que foram ocasionalmente documentados nas décadas da metade do século atual. Eles incluem:

1. Uma estatueta *ushabti* de faiença verde-escura, 7 cm de altura. Sua parte inferior está ausente. A figura humana segura um machado e uma enxada. Da inscrição hieroglífica gravada no seu corpo, abaixo das mãos, apenas os primeiros cinco sinais estão ainda visíveis. Eles dizem “ilumine Osíris”. O item foi encontrado próximo ao segmento norte da muralha da cidade medieval. Ele pertence a um colecionador particular

e foi documentado por Giveon (1970:347-348, Pl. 6:1). Ele data da 26ª Dinastia egípcia (664-525 a.C.), e provavelmente pertenceu à fase de ocupação mais antiga do sítio (veja os Capítulos 3 e 4).

2. Um ostrakon inscrito em grego em ambos os lados, 4,50 cm de largura. Foi encontrado “... entre as ruínas de Apollonia” e pertence a um colecionador particular quando foi documentado por M. Schwabe (1955; veja também *SEG XIV* 1957:No. 846). Ele diz:

Lado A: Marou/si ; Lado B: k k/wste/ou doul

O editor identifica no lado B: k(uri/a) k(alh/) w3ste ou) doul(ou~stai)

Schwabe propôs a seguinte tradução: “Marousi, a linda dama, não me escravize”.

O ostrakon, que pertence ao século IV d.C. ou posterior, parece refletir os fortes sentimentos de um homem que caiu desesperadamente em amor por uma linda mulher chamada Marousi, e lhe implora que responda à sua solicitação. Conforme apontado por Schwabe (1955:19), a fórmula mostra fortes conexões com a tradição erótica grega (para uma discussão geral com paralelos, veja Gager 1992:78-115), e ela serve como um bom indicador de que Apollonia foi uma cidade fortemente helenizada na Antigüidade Tardia.

3. Um anel de bronze com um engaste circular e plano, com 1,10 cm de diâmetro. Ele tem uma inscrição grega de duas palavras em três linhas. Foi encontrado “... nas dunas da Apollonia antiga” e pertence a um colecionador particular, quando documentado por Lifshitz (1962; veja também *SEG XX* 1964: No. 466). Ele diz: 9Ugi/a / Babo/sa, o que significa que ele deseja “saúde a Babosa”. Mais recentemente, outro anel de mesmo tipo foi documentado por Cotton e Geiger (1995), o qual “... bem pode ter vindo da mesma oficina ou até da mesma mão” (*ibid.*:54). Este foi encontrado em Masada em um locus que cedeu achados do Período Bizantino (séculos VI e VII d.C.). O anel de Apollonia, assim, pertence ao mesmo período.

4. Um anel de bronze, com uma forma externa octogonal, com 2 cm de diâmetro. Foi encontrado em Apollonia por sorte em 1961 na superfície, transferido ao Israel Department of Antiquities, e documentado por Reich (1989). Cada um dos oito retângulos da face externa do anel traz gravadas várias letras em escrita samaritana, em duas linhas. Apesar de cada uma das letras poder ser identificada sem dificuldade, elas não formam palavras ou abreviações coerentes. Normalmente cada faceta de um anel deste tipo forma as primeiras duas palavras, ou completamente ou abreviadas, de um verso bíblico. Este é o caso com dois

anéis samaritanos recentemente descobertos no sítio próximo de Gelilot. Reich (1994), que documentou ambos os anéis, também menciona todos os paralelos deste item com outros conhecidos na área do Sharon. Como as letras do anel de Apollonia não formam palavras, parece que, para o artesão que as esculpiu, a velha escrita samaritana não fazia sentido. Portanto, ele parece ter escolhido as letras aleatoriamente e não lhes deu qualquer significância.

Muitos outros achados foram descobertos em Apollonia-Arsuf, seja na superfície por sorte, ou como resultado de aragem ou desenvolvimento, bem como, infelizmente, buracos de ladrões. Muitos destes achados foram parar nas mãos de colecionadores privados e ainda aguardam publicação. Algumas das lamparinas achadas de tal modo foram documentadas, como um grupo muito importante de lamparinas samaritanas (Sussman 1983), e outro grupo de lamparinas do Período Bizantino Tardio (Kaplan e Kaplan 1975). O único trabalho em campo no sítio foi executado nas visitas ocasionais de inspetores arqueológicos do British Mandatory Department of Antiquities durante as décadas de 1920 a 1940, e pelo Israel Department of Antiquities nas décadas de 1950 a 1970. Seus relatórios são mantidos nos arquivos apropriados de seus departamentos, mais jamais foram publicados⁴⁸.

HISTÓRIA DAS ESCAVAÇÕES

As primeiras escavações sistemáticas em Apollonia-Arsuf foram executadas em 1950, a norte da muralha da cidade medieval em nome do Israel Department of Antiquities, a princípio por I. Ben-Dor e depois por P. Kahane. O primeiro escavou várias trincheiras de teste até alcançar solo virgem, a partir das quais ele estabeleceu que esta parte do sítio jamais foi utilizada como área residencial. Ele descobriu uma série de três tipos diferentes de prensas de vinho, que indicam que o sítio serviu como área industrial da cidade bizantina. Kahane trabalhou em uma escala maior, através de toda a área, em seis locais diferentes, três dos quais forneceram remanescentes arquitetônicos substanciais (Áreas A, B e C, cf. planta geral do sítio, em anexo). As principais descobertas do escavador incluíam três tipos de estruturas pertencentes a três períodos diferentes. Na Área B, uma tumba construída em urna foi encontrada com dois *loculi* juntados, cada um dos quais incluindo três esqueletos. Próximo dali, um sarcófago não-decorado foi descoberto e, mais a leste, um *podium* quadrado que poderia ter pertencido a um mausoléu. A cerâ-

mica com bordas saliente conectada a estas estruturas funerárias foi identificada pelo escavador como bizantina, mas investigações mais aprofundadas revelaram que alguns dos fragmentos parecem indicar uma data mais antiga, do Período Romano Tardio (séculos III e IV d.C.). Na Área A, um complexo industrial foi trazido à luz, que incluía uma sala retangular ligada a duas salas e um pátio cercado a sul. Inicialmente, o pátio incluía duas prensas de óleo, fixadas em um pavimento de mosaico de cubos de pedra cortados. Num estágio posterior, uma instalação de produção de vidro foi erigida no pátio, que incluía uma estrutura circular no oeste, e uma fornalha quadrada a leste. Uma grossa camada de restos de cor verde de um bloco de vidro, que se acumulou no chão da fornalha, pode indicar que ela foi muito utilizada por um longo período de tempo. Remanescentes de outra fornalha de vidro, mas em um estado menos bem-preservedo, foram descobertos mais a oeste. Uma instalação de água próxima, que incluía um canal construído e uma fossa, parece ter sido conectada com o processo de produção de vidro. Estas instalações parecem representar uma indústria do vidro muito mais que floresceu na Apollonia Bizantina Tardia e Islâmica Inicial, como podemos aprender do grande número de escombros de vidro espalhados por todo o sítio⁴⁹.

Em suma, as escavações de 1950 mostram que a área a norte da muralha da cidade medieval foi utilizada como área de enterramentos na época romana tardia. No Período Bizantino, principalmente no século VI d.C., a área se tornou uma zona industrial, que incluía instalações de produção de vinho e óleo. Nos Períodos Bizantino Tardio e Islâmico Inicial, isto é, no século VII d.C., o local tornou-se uma florescente zona industrial utilizada para a produção de vidro⁵⁰.

Em 1962, após trabalhos de desenvolvimento executados a sudeste do portão da cidade medieval (Área K das escavações de 1996, veja abaixo), um pavimento de mosaico policromático e diversas bases de colunas, localizadas seguindo uma linha leste-oeste, foram descobertos. Aparentemente, estes itens pertenciam a uma igreja bizantina, da qual apenas uma parte da nave foi preservada. A parte preservada do pavimento é decorada com padrões florais e geométricos estilizados, com motivos armados e entrelaçados, e com pássaros colocados em medallhões circulares. A parte mais impressionante do pavimento de mosaico é uma inscrição grega de três linhas, moldada em uma *tabula ansata*, planejada para ser lida ao se olhar para leste. A inscrição está parcialmente danificada, mas seus editores, Birnbaum e Ovadiah (1990) propuseram uma leitura completa:

Ϝ a)mbrosi/hj tele/qw kai\ [ne/ktaroj oi]kolj a)reiwn
kai/ me Mari~noj e lteuce geo\ [n kluto/m]htin (a)) [i/r]wn
[mus]tiko\ n a)xra/anton a)ei\ no/on h(nioxeu/wn Ϝ

Os editores sugeriram a seguinte tradução (*ibid.*:190):

Eu sou uma igreja melhor que ambrósia e néctar, e Marinos me erigiu exaltando o Deus-celebrado-por-sua-sabedoria e sempre dirigindo seu espírito puro e místico.

A inscrição está formulada em verso hexâmetro dactílico e possui um claro caráter poético. Ela utiliza linguagem metafórica para fazer uma declaração - ostensivamente da própria igreja - sobre ter sido construída por um certo Marinos, que conhecia bem a cultura grega clássica. Além disso, as palavras *ambrosia* e *nectar* (se a reconstrução desta última estiver correta) aponta em direção a uma tradição que vem desde o maior feito da literatura grega, isto é, o épico homérico. Entretanto, a inscrição também enfatiza, e de uma maneira bem clara, a superioridade da Igreja Cristã sobre a tradição clássica. O texto até mesmo especifica que esta superioridade deriva da sabedoria governante da Igreja, sua natureza pura e sua espiritualidade mística.

Em 1976, outro segmento de um pavimento de mosaico policromático foi descoberto próximo ao primeiro, e provavelmente pertenciam à mesma igreja. Este pavimento, entretanto, é decorado com motivos geométricos apenas. O padrão decorativo do recinto e sua inscrição apontam em direção aos séculos V-VI d.C. Conforme mencionado acima, esta igreja poderia ter servido de sede dos bispos de Sozousa, isto é, da Apollonia bizantina⁵¹.

As primeiras escavações em grande escala realizadas em Apollonia-Arsuf foram executadas em 1977 (nossa primeira temporada) em três áreas localizadas dentro e aproximadamente no meio da cidade amuralhada. Foi uma escavação de salvamento, dirigida pelo autor e E. Ayalon, em nome do Israel Department of Antiquities e do Institute of Archaeology e do Department of Classics da Tel Aviv University. A atividade arqueológica mais intensa, que durou por quase oito meses, foi centrada na Área B, a maior das três áreas, localizada em frente ao portão da cidade. Estruturas relacionadas consecutivas foram encontradas lá em ambos os lados de uma estreita rua orientada norte-sul. Dos dez estratos identificados na área, dois pertenciam ao Período Bizantino (séculos VI e início do VII d.C.), enquanto os outros oito cobriam a dura-

ção de todo o Período Islâmico Inicial (metade do século VII até o século XI d.C.).

Os edifícios relacionados aos níveis de rua do Período Bizantino (Estratos X e XI) e à primeira fase do Período Islâmico Inicial (Estrato VIII) foram aparentemente construídos sem qualquer designação específico. No Estrato VII, a rua e seus edifícios adjacentes foram inteiramente reconstruídos, em uma unidade uniformemente planejada, provavelmente como parte de um plano urbano geral executado durante o reinado do califa omíada Abd al-Malik (685-705 d.C.). O complexo inteiro servia como uma rua de mercado e as estruturas de ambos os lados da rua eram utilizadas como lojas e refeitórios. Os prédios do Estrato VI mostraram continuidade, com apenas algumas pequenas mudanças, mas terminou com uma destruição violenta, que provavelmente ocorreu durante os tumultos que ocorreram em 809 d.C. Após a morte do califa abássida Harun al-Rashid (veja acima, Capítulo 1.2). No Estrato V, o complexo da rua de mercado foi reconstruído com alterações estruturais substanciais. As salas das lojas foram feitas menores e pátios internos foram adicionados, continuando a servir de refeitórios em frente à rua. A planta geral, e o papel da área como um mercado urbano, continuaram basicamente sem modificações nos Estratos Muçulmanos Iniciais posteriores (IV-I), até a conquista cruzada. Depois disso, o traçado de complexo de mercado foi completamente abandonado e uma grande estrutura cruzada com uma extensão pavimentada aberta foi construída sobre ele. O recinto caiu em desuso durante a destruição final da cidade por Baybars em 1265 (veja acima Capítulo 1.2). Uns poucos itens mamelucos descobertos em uma abertura do pavimento podem indicar uma guarnição mameluca de curta duração no sítio, que logo seria completamente abandonado.

Na Área C, localizada a norte da Área B, a continuação da rua foi encontrada em diversos estratos paralelos do Período Islâmico Inicial. Isto significa que a rua de mercado muçulmana planejada foi construída como um complexo contínuo, com pelo menos 65 m de extensão. Entretanto, devido a fortes danos feitos nesta região específica por trabalhos modernos de nivelamento, quase nenhum dos prédios ao lado da rua foram preservados. Na Área D, localizada a oeste das Áreas B e C, remanescentes de pelo menos três fases de um complexo industrial não-identificado do Período Islâmico Inicial foram encontrados sob um pavimento cruzado. Abaixo deste complexo, fossas de lixo dos Períodos Persa e Helenístico foram encontradas, que são tratadas em detalhe nos Capítulos 4 e 5³².

Durante a longa temporada de 1977, investigações em pequena escala foram executadas em locais específicos do sítio, onde achados arqueológicos foram expostos durante trabalhos modernos de desenvolvimento. Eles incluem:

A. Após a passagem da retroescavadeira, o alinhamento e registro de uma seção através de um segmento do fosso e muralha da cidade medieval. Isto ocorreu no nordeste (a leste do fosso do castelo) e é o único segmento da fortificação da cidade ainda visível nesta parte do sítio.

B. Novamente após a passagem da retroescavadeira, o alinhamento e registro de outra seção, que seguia o contorno de uma prensa de vinho bizantina, na região sudeste da cidade fortificada.

C. A escavação parcial de uma cisterna subterrânea em forma de sino, que foi descoberta próxima à seção anterior. A cisterna é feita de calcário polido coberto com reboco e é típica de reservatórios da cidade romana e bizantina. Neste caso, a cisterna também incluía um cano d'água feito de argila que permitia a passagem de água da chuva acumulada por seu orifício.

D. A descoberta acidental durante um trabalho de nivelamento com retroescavadeira, de dois orifícios de um reservatório subterrâneo completamente preservado da igreja bizantina (veja as escavações de 1996 na Área K, planta geral em anexo). Como apenas parte de seu interior estava totalmente coberta, nós fomos capazes de identificar, sem escavar, uma grande estrutura abobadada retangular completamente coberta com reboco, e decorada com uma grande cruz em relevo em cada um de seus lados. A abóbada também incluía um pequeno orifício lateral, que permitia que a água da chuva se acumulasse, enquanto dois grandes orifícios no topo permitiam sua liberação. Parece-nos que esta estrutura foi o principal reservatório da igreja e que estava localizada abaixo de seu átrio.

E. Cerca de 70 m a nordeste do portão da cidade, um segmento de chão pavimentado coberto com ladrilhos de mármore e uma porção de um cano de chumbo colocado dentro de um cano de argila foram encontrados. Eles parecem pertencer a uma construção monumental de data bizantina que aparentemente desfrutou de um suprimento d'água.

F. Uma grande fossa de lixo contendo cerâmica descartada dos Períodos Romano Tardio e Bizantino foi encontrada cerca de 40 m a leste do portão da cidade. Mais de 100 lamparinas foram achadas ali, muitas delas de tipo samaritano (Sussman 1983). Uma delas é decorada com uma *menorah* de sete braços.

Estas investigações, apesar de limitadas em alcance e dissimilares em natureza e localização, permitiram-nos uma compreensão mais profunda da arqueologia do sítio como um todo. Em adição, uma prospecção detalhada foi executada através do sítio, durante a qual todos os remanescentes visíveis acima do solo foram localizados e documentados. Para este fim, dados fornecidos pelas fotografias aéreas militares do local feitas por pilotos alemães da Primeira Guerra Mundial, pilotos da Royal Air Force britânica durante a Segunda Guerra Mundial, e pela Força Aérea Israelense na década de 1970, foram de grande ajuda. A partir da grande quantidade de dados fornecida pelas escavações, as investigações, a prospecção acima mencionada, e com base na planta do sítio do SWP, nós conseguimos desenhar uma planta mais atual de Apollonia-Arsuf do que fora feito anteriormente⁵³.

Escavações regulares em Apollonia-Arsuf continuaram em 1980 e 1981 (nossas temporadas 2 e 3) no sul, externo e abaixo da muralha da cidade medieval (Área E). Os diretores, as instituições envolvidas e o status da escavação eram os mesmos da temporada de 1977. No final de 1980, após alargar um caminho local que seguia o declive abaixo da muralha da cidade e se movia para baixo em direção à costa, foi encontrada cerâmica do período romano. Como este período não estava atestado em nenhuma das escavações anteriores, uma quadrícula foi aberta próxima à vereda e seus resultados mostraram evidências claras de presença romana intensa. Na metade de 1981 a área escavada foi aumentada para o sul, e uma trincheira de teste foi aberta dali para cima em direção à muralha da cidade. Nas quadrículas inferiores, duas salas ligadas por uma porta, que pertenciam a uma estrutura maior que se estendia para o sul, foram expostas. Nós percebemos que as salas, que eram parcialmente subterrâneas, foram cortadas no leito de rocha calcária, e parcialmente construídas de *ashlars* de calcário unidos com cimento cinza. Na sala oeste (Locus 892) dois pavimentos rebocados superpostos foram encontrados - ambos com achados do final do século I ao começo do século II d.C.. Aparentemente, as salas desabaram como resultado de um terremoto. A escavação na trincheira de teste revelou que, na época bizantina, a área foi nivelada e uma prensa de vinho foi construída sobre ela. No Período Islâmico Inicial a seguir, uma grossa camada de dunas de areia que ali se acumulara serviu de alicerce para a muralha da cidade, que foi intencionalmente construída sobre ela. Dentro da muralha da cidade, uma sala adjacente foi exposta (Locus 835); seu pavimento inferior forneceu achados da virada do século VII ao VIII d.C. Como este pavimento foi o mais antigo a ficar contíguo à muralha da cidade, ele

forneceu a primeira pista cronológica para a datação da fortificação. Entretanto, a grossa camada de conflagração coberta com pedras caídas, encontrada no pavimento superior desta sala, e que data do período cruzado, indica claramente a destruição final da cidade por Baybars em 1265. Em suma, apesar da temporada de 1981 ter sido uma escavação em escala relativamente pequena, ela forneceu uma clara seqüência de estratos refletindo os principais períodos de ocupação dos tempos romanos até a destruição mameluca. Estes resultados provaram claramente que a expansão e alargamento das escavações na Área E eram necessárias. Entretanto, só pudemos efetuar-lo uma década depois (veja abaixo, as escavações do começo da década de 1990).

Também em 1981, uma escavação de salvamento foi executada na sala abobadada, que servia de pavimento inferior ao *donjon* do castelo cruzado (Área F). A escavação lá alcançou a profundidade de quase 7 m, um fato que tornou claro para nós que muitos dos componentes inferiores da fortaleza ainda estavam preservados sob o monte atual⁵⁴.

Em 1982, o status das escavações em Apollonia-Arsuf mudou. Daquele ponto em diante, tornou-se uma escavação acadêmica, sob minha direção e em nome do Institute of Archaeology da Tel Aviv University. Também tornou-se uma escavação-escola para estudantes de arqueologia clássica do nosso Department of Classics. Como a escavação tornou-se um empreendimento acadêmico, as áreas de escavação não nos eram mais impostas, como foi o caso nas escavações de salvamento anteriores. Nós agora podíamos escolher as áreas de trabalho de acordo com critérios de interesse profissional. Ao mesmo tempo, também percebemos que o tempo chegara para formular uma “estratégia de escavação” em Apollonia-Arsuf. Até então, o trabalho havia sido realizado a norte (Áreas A, B, C) e na Área F, no centro e leste da cidade amuralhada (Áreas B, C e D), e no sul (Área E). Para obter uma visão arqueológica completa de todos os quatro pontos cardeais no sítio, era necessária uma escavação no oeste. Assim, uma nova área foi aberta, dentro e próxima à muralha ocidental da cidade (Área H), durante as escavações de 1982-1984 (nossas quarta, quinta e sexta), com o apoio da Walworth Barbour American International School em Kefar Shemaryahu.

Os níveis mais antigos de ocupação na Área H pertencem ao Período Persa. Aqui, em solo virgem, alguns fragmentos da Iron Age II foram encontrados, que são comentados no Apêndice II. Acima destes estratos mais antigos, os remanescentes mal preservados de um edifício do Período Inicial Islâmico foram expostos. No pavimento norte do pré-

dió, que se junta à face interna da muralha da cidade, foram encontrados achados da virada do século VII ao VIII d.C. Como na Área E (veja acima, as escavações de 1981), foi possível atribuir uma data similar para sua construção baseado em evidências do primeiro pavimento a ficar contíguo à muralha da cidade. Destas duas datações nós conseguimos correlacionar a fortificação da Arsuf do Período Islâmico com a rua de mercado descoberta na Área B (veja acima, as escavações de 1977). Nós as consideramos uma parte de um plano geral de construção urbana executado sob o califa omíada Abd el-Malik (685-705 d.C.). Pode-se adicionar que, quando as escavações alcançaram o final inferior da muralha da cidade, nós descobrimos também na Área H, como na Área E, que o muro foi deliberadamente construído acima de um acúmulo de dunas de areia. Como tínhamos percebido o mesmo fenômeno em alguns dos muros da rua de mercado na Área B, ficou claro que aqui estavam evidências de um método peculiar de alicerçamento de muros que foi amplamente utilizado na Arsuf do Período Islâmico Inicial. Esse método parece ter o duplo propósito de atenuar e absorver choques de terremotos, enquanto também permitia uma drenagem eficiente da água da chuva, com o objetivo de preservar os muros. O estrato mais superior da Área H pertencia ao Período Cruzado, e incluía as fundações de um edifício oblongo composto de diversas salas retangulares em uma fila, estendendo-se de norte a sul. A leste deste edifício encontramos apenas uma grande expansão pavimentada aberta para o céu. Nenhuma outra estrutura foi encontrada.

Durante as temporadas de 1982 e 1983, uma escavação-teste foi levada a cabo numa sala que conseguimos identificar na parte leste do castelo cruzado (Área F). As escavações lá mostraram que o final leste da sala tinha formato absidal, o que parece indicar que o local servia como capela. Outra pequena escavação-teste foi executada na Área G, no oeste, onde os remanescentes de uma instalação industrial não-identificada do período bizantino foram parcialmente expostos⁵⁵.

As próximas quatro temporadas de escavações (nossas sétima, oitava, nona e décima temporadas) foram executadas de 1990 a 1993, novamente em nome do Institute of Archaeology e do Department of Classics da Tel Aviv University, como apoio do Município de Herzliya. Durante este período, a maioria do trabalho se centrou na Área E, no sul. Como resultado, nosso conhecimento sobre os quatro períodos de ocupação que já haviam sido identificados em 1981 foi substancialmente enriquecido. A sul da muralha da cidade, mais três salas do edifício romano (Loci 1321, 1314 e 1324), estendendo-se em direção ao sul das

duas salas previamente expostas (Loci 892 e 1250) foram completamente escavadas. Um corredor (Locus 1245) que leva a uma sala (Locus 1250) e permite entrada em todas as outras salas, também foi descoberto. Em cada uma das salas recém-descobertas, foi encontrado apenas um pavimento rebocado, diretamente sobre o leito rochoso. A estrutura tinha duas fases, e tornou-se evidente que o pavimento original foi utilizado em ambas, e que os achados ali feitos pertenciam à segunda fase. Estes achados eram principalmente jarros de estocagem, dois dos quais foram encontrados *in situ* encostados em um muro no canto nordeste da sala (Locus 1314). Isto indica que estas salas eram utilizadas na segunda fase como depósitos. *Ashlars* caídos, algo causado por terremoto, foram encontrados em uma sala (Locus 1321) e, em menor grau, em outra (Locus 1314). Acima deles, uma grossa camada de preenchimento marrom se acumulara, que incluía grande quantidade de jarros de estocagem locais e panelas de cozinha, bem como belos exemplares de *African Red Slip ware*. O preenchimento também incluía um número substancial de lamparinas romanas circulares (*discus*) de tipo comum do final do século I ao século III d.C., das quais as cenas figurativas pagãs e eróticas usuais foram intencionalmente mutiladas. Este ato, para o qual já estávamos alerta das temporadas anteriores, parece ter sido trabalho de fiéis monoteístas, seja fê ou samaritana ou judaica.

No período bizantino, a região sul de Apollonia-Arsuf tornou-se uma zona industrial. Uma série de instalações construída acima da estrutura romana, incluía uma prensa de vinho (acima do Locus 1250), uma cisterna abobadada cortada na rocha (Locus 1282), um poço de drenagem (acima do Locus 1203), e dois pares de tanques - um par com muros rebocados (Loci 1331 e 1335) e outro construído de *ashlars* (Loci 1327 e 1336). Num estágio posterior, mas ainda no período bizantino, os quatro tanques e suas adjacências foram cobertos com duas bacias muito maiores com pavimentos de mosaico branco (Loci 1224 e 1290). Além das prensas de vinho, as atividades que exigiam estas instalações não puderam ser determinadas. Entretanto, a transição de pequenas instalações para instalações maiores parece sugerir uma mudança de mãos-de-pequenos artesãos para um magnata, ou uma instituição eclesiástica.

No Período Islâmico Inicial, a muralha da cidade foi construída, e apesar de um leito de acúmulo de dunas de areia (veja acima, as escavações de 1982-1984), ela ainda assim causou danos consideráveis aos remanescentes bizantinos abaixo dela. Dentro da muralha da cidade e a sul do Locus 835 (escavado em 1981), mais salas adjacentes foram expostas, mas em um estado pior de preservação. No chão de uma destas

salas (sob o Locus 1362), novamente, achados da virada do século VII para o século VIII d.C. foram feitos, mais uma pista cronológica para a datação da muralha da cidade.

Durante o período cruzado, a muralha da cidade foi restaurada. No final inferior de sua face externa um cinturão inclinado feito de argamassa foi adicionado para melhor proteger a junção entre a muralha e o chão à frente dela. Dentro da fortificação uma série de novas salas (Loci 1362, 1358 e 1396) foram construídas contra sua face interna. As salas têm pavimentos rebocados e entradas bem feitas, que parecem indicar que serviam como moradias. Pilares que apoiavam arcos sugerem a possibilidade de um segundo andar. Posteriormente, um forno, uma superfície de trabalho, uma instalação de pressionamento e mós foram adicionadas, indicando que as salas haviam se tornado unidades de trabalho. Finalmente, o local sofreu conflagração e destruição total e todas as estruturas foram inteiramente cobertas com uma grossa camada de cinzas e gigantescas pilhas de pedras desabadas, que claramente representam a aniquilação final de Apollonia-Arsuf por Baybars.

Sob uma das pedras caídas do lado de fora da muralha da cidade, um tesouro em moedas foi encontrado. Ele continha dois ducados e uma moeda de prata cunhados em Veneza no começo do século XVI, e 78 moedas de prata otomanas do reino de Suleimão o Magnífico (1520-1566). Como algumas das moedas exibiam orifícios para serem utilizadas como jóias, parece que o tesouro pertenceu a uma mulher que, num momento de dificuldade, o escondeu ali e jamais retornou para recuperá-lo. Isto aconteceu quando o sítio estivera abandonado e em ruínas por três séculos.

Na Área H, as escavações foram estendidas para o sul e dois estratos do Período Persa e um do Período Helenístico foram expostos. As fundações de uma instalação industrial erigida ali em época bizantina penetraram fundo nos estratos anteriores e os danificaram consideravelmente. O propósito da instalação não pôde ser determinado porque ela também estava muito danificada devido a operações de nivelamento executadas no Período Islâmico Inicial. Isto foi feito para prover acesso fácil à muralha da cidade localizada mais para o oeste, no topo do penhasco. Os estratos cruzados também foram severamente danificados pela destruição mameluca, bem como pelo roubo sistemático de pedras de construção no século XIX. Em suma, as escavações na Área H expuseram a amplitude da destruição que ocorreu em diversos períodos mais que camadas arquitetônicas distintas⁵⁶.

Paralelamente e em conjunção com as escavações em terra descritas acima, uma série de prospeções subaquáticas foram conduzidas nos remanescentes marítimos de Apollonia-Arsuf por Eva Grossmann. Seu trabalho foi executado como parte de seu projeto de pesquisa para o título de Ph.D., em nome da Macquarie University de Sydney, Austrália. Uma equipe de inspeção subaquática da Antiquities Authority liderada por E. Galili também fez atividades subaquáticas ali. Estas prospeções mostram que Apollonia-Arsuf dispunha de duas instalações marítimas. No ancoradouro protegido em frente à cidade fortificada, a face leste de um recife de calcário foi cinzelada e polida. Conglomerados massivos, grandes blocos e pedras de *ashlar* foram colocadas no recife e próximo a ele, o que denota seu papel como um quebra-mar melhorado pelo homem. Na área de ancoradouro, um grande número de âncoras de pedra de vários tipos foi achado, bem como sondas de mergulho, e vasilhas e pregos feitos de bronze. Os achados mais notáveis incluem fragmentos de uma estátua em bronze de um homem em tamanho natural, uma estatueta em bronze da deusa Minerva, uma faixa de chumbo com letras latinas, e um vaso de mármore cinzelado. A cerâmica encontrada no ancoradouro incluía fragmentos dos Períodos Persa, Helenístico e Romano, mas a maior parte dela são fragmentos de jarros de estocagem e *pithoi* do Período Bizantino. Isto indica que a atividade de ancoradouro atingiu seu máximo no Período Bizantino, isto é, na mesma época em que a cidade de Apollonia-Arsuf atingiu sua expansão máxima. A leste do ancoradouro, próximo à costa, os remanescentes de uma grande estrutura foram prospectados, que incluíam grandes *ashlars*, bem como colunas de mármore e granito. A partir da quantidade de fragmentos de jarros de estocagem bizantinos encontrados ali, parece que o edifício funcionou como um depósito marítimo bizantino.

Durante a prospeção de Grossman do porto construído localizado ao pé do castelo cruzado, exemplos de argamassa dos molhes foram submetidos a testes químicos e analisados. Os testes mostram que, apesar dos molhes em si datarem do Período Cruzado, suas fundações foram feitas muito anteriormente, no Período Bizantino. Além disso, as fundações do pier norte pareciam ter sido construídas de maneira similar ao método de construção de portos descrito por Vitruvius (V, 12, 2-6; ed. Fensterbusch 1964: 250-251). Vale a pena enfatizar que a entrada a ambas as instalações marítimas (o ancoradouro protegido e o porto) se abrem para o sudoeste. A entrada ao ancoradouro é uma abertura natural no recife de calcário, enquanto a do porto é claramente feita pelo homem. A localização sudoeste das entradas difere radicalmente dos de-

mais portos do país, tanto no passado quanto no presente, onde a entrada fica de frente para o noroeste. Isto é feito para evitar que a corrente sulpara-norte costeira, que é prevalente nesta parte da costa mediterrânea, entre nos portos. Entretanto, parece que em Apollonia-Arsuf a localização oposta (sudoeste) da entrada foi preferida, com a idéia de se permitir a entrada da corrente costeira no porto. Uma explicação possível pode ser uma falta de conhecimento por parte de construtores de portos estrangeiros sobre as correntes locais. Entretanto, um raciocínio mais sofisticado pode ter sido evitar a sedimentação levada pelo mar no porto, e permitir assim uma de-sedimentação da bacia executada pela corrente. Neste caso, os intervalos deixados através das fundações do pier norte por formas de madeira (colocadas ali de acordo com o método vitruviano) poderiam ter servido de canais para o fluxo d'água. Se foi assim, não está claro se o sistema funcionou na época ou não. Hoje ambos os portos estão em sua maior parte sedimentados com camadas grossas de sedimento trazidas pelo mar⁵⁷.

Profundamente abaixo do castelo cruzado, dois túneis cortados no penhasco de calcário foram descobertos até agora. Um túnel, que era conhecido há bastante tempo, inicia sob a ala norte do castelo, com dois ramos convergentes, um dos quais pode ser alcançado a partir de cima por um pilar vertical. Após a junção, o túnel continua para o oeste por cerca de 45 m até sua saída, que está localizada logo acima do porto construído. Parece que os cruzados construíram este túnel por uma, de duas razões possíveis: como um canal para se livrar de detritos produzidos pelo castelo; ou como um modo de fuga no último minuto para o porto em caso de derrota iminente. O outro túnel foi descoberto por acaso em fevereiro de 1988, após o colapso, devido a tempestades de inverno, do preenchimento que cobria sua entrada. Esta entrada estava localizada baixo no fosso, abaixo do canto sudoeste da fortificação externa do castelo. O túnel tem nichos para lamparinas cortados nas paredes laterais e se estende em direção ao nordeste por cerca de 90 m. Ali ele acaba profundamente dentro e abaixo do castelo num espaço maior cortado na rocha, o topo do qual é coberto com pedras e argamassa. Este túnel parece ser uma mina, cavada pelos atacantes mamelucos durante o cerco final de 1265 d.C., enquanto a cobertura construída parece ser obra dos defensores cruzados como uma contra-medida⁵⁸.

A décima-primeira temporada de escavações foi feita no verão de 1996 em nome do Institute of Archaeology da Tel Aviv University. Entretanto, desta vez foi uma escavação por contrato iniciada pelo proprietário legal de toda a área de Apollonia-Arsuf, a Land Administration of

Israel. O objetivo foi executar uma série de escavações-teste do portão da cidade cruzada para leste, para estabelecer a extensão máxima do sítio antigo, e definir seus limites orientais. Para atingir este objetivo, o trabalho foi realizado utilizando-se dois diferentes métodos. Em cada uma das duas áreas onde remanescentes antigos haviam sido anteriormente identificados, uma série de quadriculas foi aberta manualmente pela força de trabalho. Este foi o caso da Área J (a leste do portão da cidade cruzada) e na Área K (a oeste da igreja bizantina). No resto do território, até cerca de 350 m a leste da muralha da cidade, 28 trincheiras de teste foram abertas, utilizando-se ferramentas mecânicas.

Na Área J, as escavações revelaram duas fases de construção do portão da cidade, ambas do Período Cruzado. Da fase anterior, apenas a parte inferior do portão foi preservada, e que, de qualquer maneira, ainda alcança uma altura de cerca de 3,5 m. Ela inclui duas torres semicirculares de formato cônico e um muro entre elas de frente para o leste. Estes elementos foram construídos de *ashlars* de calcário unidos em cimento claro, que cobria um centro feito de pedras não-rebocadas presas em concreto. À frente delas, um fosso se estendia com cerca de 8 m de largura, cercado a leste por um muro de retenção bem construído. A abertura do portão era de cerca de 4 metros de extensão, e a única rachadura que vem do leste em cada um de seus lados, parece indicar que o fosso era cruzado por uma ponte de madeira. Na segunda fase, um pilar quadrado feito de concreto substituiu o cone do norte. Novas torres foram construídas acima do nível das anteriores, que tinham um formato semicircular em direção a leste, e uma forma retangular e alongada em direção a oeste. A passagem do portão foi feita novamente, em um nível mais alto, e um esgoto foi construído abaixo dela, para carregar os dejetos da cidade. Apesar de uma sondagem que foi aberta dentro da parte sul do portão da cidade, foi possível alcançar níveis pertencendo a ambas as fases, mas só revelando achados do Período Cruzado. Conseqüentemente, se põe a questão da localização do portão Islâmico Inicial. Neste ponto, vale a pena mencionar que mais a oeste e no mesmo eixo do portão da cidade cruzado, a equipe da SWP na sua planta do sítio documentou uma estrutura grande em forma de U em frente para o leste. Apesar de inexistentes remanescentes visíveis dela hoje, sua localização se enquadra perfeitamente na continuação hipotética do segmento norte da muralha oriental da cidade reta para o sul. Podemos assumir, portanto, que esta estrutura em forma de U servia como portão da cidade Islâmica Inicial e que a fortificação a que pertencia estava localizada mais para o oeste. Assim, o complexo recentemente escavado da Área J parece re-

fletir não apenas a construção de um novo portão da cidade pelos cruzados, mas também um alargamento em direção a leste da cidade amuralhada (para o contexto histórico, veja o Capítulo 1.2). Existem mais dois pontos de interesse relacionados à Área J:

A. No fundo do fosso à frente da torre norte, um segmento de pavimento rebocado contendo cerâmica Romana Inicial foi exposto. O restante do pavimento e do prédio a que pertencia foi aparentemente destruído pelos construtores do portão da cidade.

B. Abaixo das fundações da mesma torre, vários fragmentos calcolíticos foram encontrados indicando que o povoamento calcolítico da Área K se estendia mais para o norte, até pelo menos a Área J.

Na Área K, o único elemento da igreja bizantina preservado completamente é o reservatório subterrâneo (veja acima, as escavações de 1977). Devido a trabalhos modernos de nivelamento em grande escala com uso de ferramentas mecânicas, apenas as fundações de um dos pilares da nave e a subestrutura da parede do pórtico foram preservados. É digno de nota que em ambos os casos as fundações foram construídas intencionalmente numa camada de areia amarela. Isto mostra que este método de construção de muros, que foi empregado amplamente na Arsuf Islâmica Inicial, como vimos acima (as escavações de 1982-1984), já estava sendo utilizado lá em época bizantina. Sob a camada de areia, um depósito de ocupação calcolítica foi encontrado, sobre o qual veja o Apêndice I.

Nas trincheiras-teste que foram escavadas com o uso de ferramentas mecânicas, aquelas que estavam localizadas até cerca de 70 m a leste da muralha da cidade medieval forneceram achados arqueológicos substanciais, principalmente do período bizantino. Entretanto, nas trincheiras mais orientais não foram descobertos achados. Na área entre as Trincheiras 7 e 8, quatro enterramentos foram localizados: duas tumbas em cista, cada uma contendo um esqueleto; um enterramento de uma criança num jarro; um enterramento em fossa cavada no leito da rocha. Nenhum achado foi descoberto nestes enterramentos, mas a cerâmica nas proximidades indica que a cista e o enterramento no jarro pertencem ou ao Período Romano, ou ao Bizantino Inicial. Como estes enterramentos estavam necessariamente localizados fora da cidade, sua descoberta fornece a primeira prova tangível em relação aos limites da área urbana de Apollonia na época bizantina. Esta área pode ser estimada hoje em c. 280 dunams⁵⁹.

A décima-segunda temporada de escavações foi executada em 1998 em dois termos. O primeiro termo durou três semanas durante julho, e

foi organizado como uma parceria entre o Institute of Archaeology da Tel Aviv University e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul de Porto Alegre, Brasil. O município de Herzliya deu apoio total. O trabalho foi realizado na Área E, e centrou-se na estrutura do Período Romano. O segundo termo durou oito semanas em novembro e dezembro - desta vez sem a parceria brasileira. Este segundo termo foi convidado e financiado pelo município de Herzliya como um primeiro passo em direção a preparar o sítio como um parque arqueológico público. Portanto, as escavações centraram-se inicialmente em recuperar totalmente a estrutura romana no sul (Área E), e só depois na exposição em larga escala do castelo cruzado no norte (Área F).

Na Área E, durante os primeiros dias do primeiro termo, o trabalho se centrou nos remanescentes bizantinos das quadrículas a oeste, que ainda cobriam a estrutura romana. Três níveis de ocupação bizantina foram encontrados ali, um acima do outro. O nível mais inferior estava severamente danificado pelos subseqüentes, e o que restava dele incluía pequenos segmentos de paredes, pavimentos rebocados, e fornos de argila (*tabuns*). Acima deles, um canto de uma estrutura bem-construída foi encontrado, o alinhamento o qual corresponde ao prédio com duas bacias (Loci 1224 e 1290) da Fase II encontrados mais ao norte nas escavações do começo da década de 1990 (veja acima). A sul dele outro edifício foi encontrado e, entre eles, uma rua pavimentada com 2,45 m de largura indo de leste a oeste. Estes elementos fornecem a primeira pista sobre a planta urbana da cidade bizantina na área. Diferentemente do norte da Área E, aqui uma terceira fase bizantina foi detectada, consistindo de algumas paredes que foram adicionadas às estruturas existentes e a construção de novos pavimentos rebocados. Todos estes elementos arquitetônicos caíram em desuso quando a muralha da cidade Islâmica Inicial foi construída na virada do século VII d.C. ao VIII d.C., sem dúvida por estarem localizados fora dos limites da cidade amuralhada.

Ainda no primeiro termo, sob os níveis bizantinos, uma grande sala a sudeste (Locus 1732) e algumas paredes de outras salas da estrutura romana foram totalmente expostos. Entretanto, a principal descoberta concernente a esta estrutura ocorreu durante o segundo termo, após a remoção das camadas bizantinas. Um pátio peristilado (Locus 1844) foi exposto no centro, bem como outras salas preservadas em torno dele. Isto permitiu uma clara identificação da estrutura como uma *villa* romana típica de tipo peristilado. Além disso, como a fachada oeste da habitação está de frente para o mar, parece claro que esta era uma *villa maritima*. No

total, muitos dos componentes da *villa* romana foram escavados. Isso permite uma boa compreensão sobre o modo em que foi concebida e planejada, o método de sua construção inicial, as mudanças que ali ocorreram em um estágio posterior, e a causa de sua destruição e abandono final.

O primeiro ponto significativo sobre a *villa* é sua localização, quase no topo de um declive que fica de frente para o mar, e acima de uma pequena ravina que provavelmente serviu de principal acesso ao ancoradouro. Para construir a casa, a rocha calcária natural do declive foi cortada a uma profundidade de mais de 3 m no lado oriental, e então nivelada horizontalmente em direção ao oeste. Deste modo, uma superfície plana rochosa foi obtida, 22 x 24 m em tamanho, e a uma altura média de 26,20 m acima do nível do mar. A *villa* foi construída nesta superfície, seguindo uma planta geral preconcebida de acordo com as direções precisas dos quatro pontos cardeais. O pátio peristilado (Locus 1844) ocupa o centro do edifício, que é cercado por colunas quadradas apoiadas por um estilóbata. Um canal d'água construído que vai do pátio e sob o estilóbata em direção ao oeste, indica que o pátio estava aberto para o céu. No seu sul há um grande corredor (Locus 1843) que cruzava todo o edifício de oeste para leste. A entrada da *villa* estava certamente localizada no final a oeste deste corredor, mas não se preservou. Na parte superior de duas paredes do final a leste do corredor (Locus 1324) existem nichos rebocados que lembram os *lararia* da habitação italiana típica. Três corredores mais curtos cercavam o pátio em seus outros lados (Loci 1245, 1761 e 1802). Dos quatro corredores, que certamente possuíam telhado, todas as salas ao redor podiam ser alcançadas sem dificuldade. As paredes da *villa* eram notavelmente construídas com grandes *ashlars* de *kurkar* unidos pelo cimento cinza típico do período romano. A seção inferior das paredes a leste foram cortadas na pedra e rebocadas. No oeste, as paredes estão faltando devido a seu desabamento na ravina próxima. Apenas alguns poucos achados puderam ser ligados à fase inicial da *villa*, e eles apontam para o final do século I d.C. Em qualquer caso, a impressão geral é de que seu tempo de vida foi curto. Uma primeira olhada no grande corredor (Locus 1843) lembra o *pastas* das habitações helenísticas, que normalmente cruzavam o edifício e possuíam uma entrada em cada lado. Em Apollonia, entretanto, o fim leste do corredor não só não possui entrada como também toma a forma de um *lararium*. Isto mostra que estamos em presença de uma estrutura de tipo romano, que parece refletir uma origem ocidental. Tal *villa* peristilada poderia pertencer a um rico mercador estrangeiro, ou a um magnata local que parecia ter sofrido romanização.

Na segunda fase uma mudança significativa ocorreu na estrutura e função do edifício. As entradas a várias salas foram bloqueadas de forma descuidada, mas intencional, transformando algumas delas em unidades independentes. A maioria dos achados desta fase posterior são jarros de armazenamento, alguns inclusive encontrados *in situ*, de pé nos cantos. Isto parece indicar que várias das salas para habitação foram transformadas em depósitos para proprietários mais modestos.

O complexo inteiro sofreu destruição repentina e violenta que aparentemente foi causada por um terremoto devastador. *Ashlars* caídos das paredes ao redor foram encontrados em praticamente todas as salas. No corredor norte (Locus 1761), a parede norte desabou inteira para o sul; quase todos os seus *ashlars* estão preservados em sua posição caída, uma fileira ao lado da outra. Nas salas a leste (Loci 1314, 1321 e 1732), bem como em duas das salas laterais (Loci 892 e 1830), o desabamento foi particularmente severo. Isso é mostrado pelo grande número de pedras caídas lá, bem como pelos vários potes esmagados encontrados abaixo delas. Esta cerâmica, e particularmente as lamparinas, datam do final do século I e início do século II d.C. Neste período, um grande terremoto foi registrado, que ocorreu em 113 ou 114 d.C., e que também teve um impacto desastroso na Planície de Sharon. É lógico assumir, então, que a destruição da *villa* romana foi causada por este evento devastador. Posteriormente, a estrutura não foi reconstruída, e, porque estava parcialmente abaixo do solo, a um nível mais baixo que a área ao redor, transformou-se em um depósito de lixo. O lixo lá jogado incluía grande quantidade de cerâmica (sobre a qual veja acima, as escavações de 1990), que parece provir de edifícios próximos que ainda aguardam serem escavados⁶⁰.

No castelo cruzado (Área F), escavações em grande escala foram efetuadas seguindo suas alas sul e oeste durante o segundo termo das escavações de 1998. Durante o trabalho uma série de novos elementos arquitetônicos foi exposta, o que enriqueceu nosso conhecimento e, em alguns tópicos, modificou nossas opiniões sobre a fortaleza. Uma grande abertura que permitia a entrada ao pátio interno foi exposta na metade da parede sul. Anteriormente nós pensáramos que o portão principal do castelo estivesse localizado cerca de 15 m mais para leste, mas tornou-se claro que este não era o caso, já que a parede sul continuou sem interrupção em um curso diagonal. Dentro da abertura recém-descoberta um grande espaço, estendendo-se originalmente de leste para oeste, foi cercado a norte por uma grande parede e uma gigantesca coluna pentagonal. Em um estágio posterior esta área foi subdividida em duas

salas e uma escadaria foi adicionada a norte, evidentemente para permitir acesso a um segundo andar. Na parede sul da sala ocidental um grande nicho foi construído, que provavelmente servia como uma posição de catapulta. Os pavimentos do chão das salas estavam cobertos com reboço, acima do qual estava uma grossa camada de conflagração coberta com gigantescas pedras desabadas. Mais de 600 pedras de catapulta foram encontradas entre as pedras caídas, bem como um grande número de pontas de flecha feitas de ferro. Estes achados fornecem evidências tangíveis das violentas batalhas que foram lutadas no castelo e de sua destruição final pelos mamelucos. A leste do castelo o interior de uma capela foi inteiramente escavado, mas nenhum elemento novo foi ali encontrado. Entretanto, no oeste as escavações no e próximas ao *donjon* mostraram que esta gigantesca estrutura não era um octógono, como imaginado anteriormente. Na verdade, ele tinha um formato poligonal em direção ao leste, enquanto a oeste possuía forma retangular. A sul do *donjon* existe uma ampla escadaria precedida por um pódio inferior circular que parece ter sido utilizado em ocasiões cerimoniais. Um grande número de itens fragmentados de mármore foram encontrados pelo castelo. Eles estavam quebrados e foram utilizados pelos cruzados como pedras para construção. Em sua situação original estes mármores devem ter embelezado as fachadas de numerosos prédios públicos da Apollonia Romana e Bizantina. O esplendor destes itens é refletido nos poucos exemplos que estavam completos, como dois capitéis coríntios. Um deles foi encontrado próximo à escadaria sul e data de época romana tardia/bizantina e o outro, decorado com uma cruz, foi achado próximo à escadaria oeste e data do Período Bizantino. Finalmente, deve-se adicionar que, no canto sudeste do castelo, bem como no noroeste e próximo à capela, as partes superiores de profundas estruturas subterrâneas foram expostas. Isto indica, como se poderia esperar, que o castelo cruzado também incluía um sistema completo de salas subterrâneas e passagens, que ainda aguardam escavação.

A décima terceira temporada de escavações que iniciou em agosto de 1999 continuará até o final do ano. As escavações estão sendo conduzidas numa organização similar à do ano anterior. O termo de agosto foi executado conjuntamente com a equipe brasileira na Área E, onde os limites a norte da *villa* romana foram totalmente expostos. De setembro em diante, o trabalho foi executado na Área F, seguindo e dentro das fortificações do castelo cruzado, e também na área a ser designada Área L, do lado externo do canto sudeste da cidade amuralhada. Lá, um segmento bem preservado da muralha da cidade cruzada e de seu fosso

construído foi descoberto, junto com a assumida torre do canto sudeste. Estas escavações são parte das preparações para o sítio se tornar um parque arqueológico operado pela Authority of the Protection of Nature and National Parks do ano 2000 em diante.⁶¹

A 13ª temporada de escavações foi realizada em 1999 em dois períodos. O primeiro estendeu-se por 3 semanas durante agosto, e foi organizada como um projeto conjunto entre o Institute of Archaeology da Tel Aviv University, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) e a Universidade de São Paulo, Brasil. A Municipalidade de Herzliya ofereceu apoio logístico integral. O trabalho concentrou-se na área E, e o objetivo era encerrar as escavações na *villa* romana, em sua extremidade norte, para checar se o prédio estava conectado com outras estruturas ou não. Ao final desta temporada, o resultado foi que não havia conexão imediata com outros prédios, e a *villa* parece ser um prédio isolado no topo de uma colina, com vista para o mar. O segundo período estendeu-se por oito semanas, de agosto a dezembro (desta vez, com a participação de apenas dois membros da equipe brasileira); a escavação foi financiada pela Municipalidade de Herzliya, visando a preparar o sítio para abrir como um parque arqueológico nacional. Deste modo, as escavações concentraram-se em desenterrar completamente o Castelo cruzado de Arsuf, ao norte do sítio (área F).

A 14ª temporada de escavações foi realizada em julho de 2000⁶², durante duas semanas, e foi organizada como um projeto conjunto entre o Institute of Archaeology da Tel Aviv University, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) e a Universidade de São Paulo, Brasil. A Municipalidade de Herzliya ofereceu apoio logístico parcial. O trabalho foi conduzido principalmente na área E, dentro da muralha; as escavações trouxeram à luz remanescentes arquitetônicos e manufaturados dos períodos bizantino, muçulmano e cruzado. Esta sessão contou com a participação de estudantes de uma escola secundária da Alemanha. Ao final do período, o resultado não estava claramente definido, devido ao caráter ambíguo dos achados, necessitando de escavações suplementares para propiciar um quadro mais claro do contexto arqueológico dentro da muralha da cidade. Paralelamente, uma escavação visando à abertura do Apollonia National Park para visitação pública, foi conduzida pela equipe israelense do projeto no Castelo cruzado de Arsuf. Estas escavações vêm sendo realizadas ocasionalmente, até o presente.

A 15ª temporada de escavações foi realizada em agosto de 2002⁶³, durante 3 semanas, e foi organizada como um projeto conjunto entre o

Institute of Archaeology da Tel Aviv University, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) e a Universidade de São Paulo, Brasil. A Municipalidade de Herzliya ofereceu apoio logístico integral. O trabalho foi conduzido na área E, do lado de fora da muralha, a leste da *villa* romana, visando a concluir as escavações em um complexo de piscinas (tanques) do período bizantino, parcialmente escavadas na temporada de 1992 (APIX1992). Um complexo de 4 piscinas (tanques) com reboco, escadas e piso de mosaico foi inteiramente escavado, mas sua função exata ainda não está definida, aguardando análise laboratorial para verificar se as piscinas serviram como um complexo industrial para a produção de púrpura ou para *salsamenta* (salga de peixes) ou alguma outra função. Paralelamente a estes trabalhos, uma outra escavação visando à abertura pública do parque de Apollonia foi realizada pela equipe israelense do Projeto Apollonia, em um forno de vidraria do período bizantino, defronte ao portão de entrada do parque arqueológico. Esta escavação contou com a participação de um membro da equipe brasileira.

Seguindo-se os mesmos parâmetros técnicos e de parceria institucional entre TAU, UFRGS e USP, novas escavações deverão ocorrer, nos anos pares e em outras ocasiões em que as condições técnicas permitam, até o completo esclarecimento do nível romano de Apollonia.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. O dunam é uma unidade de medida de área territorial utilizada em Israel; 10 dunams = 1 hectare = 2,5 acres.
2. Durante o século atual, Apollonia-Arsuf recebeu o *status* legal de um sítio antigo em diversos estágios. Nos primeiros anos do Mandato Britânico apenas os remanescentes do castelo cruzado foram proclamados, sob o título "Arsuf", veja *Government of Palestine* 1929:11. Posteriormente, a cidade amuralhada e o porto antigo foram adicionados, veja *Department of Antiquities* 1976:77. O Department of Antiquities de Israel reiterou esta proclamação sob o novo título, "Arshaf, Tell; Arsuf", veja *Rashumot* 1964:1425. Mais recentemente, a Israel Antiquities Authority iniciou um aumento substancial do sítio proclamado. Sob o título "Arshaf, Tell; Apollonia; Arsuf", ele cobre toda a área da cidade bizantina e além, entre as referências de mapeamento 1317-1325/1775-1783 (quarteirões 6670 e 6675 incluídos), veja *Rashumot* 1992:903. Para um sumário atualizado, veja Gophna e Ayalon 1998: sítios n.º 5, 10, 11 e 12. Para a localização geral do sítio, veja o mapa por satélite da Planície de Sharon reproduzido em Cleave 1994:82-83 (Sítio n.º 3), e mapa mais detalhado, 1:20.000, da Archaeological Survey of Israel presente em Gophna e Ayalon 1998.

3. Em Conder e Kitchener 1882:137 apenas uma fonte d'água é mencionada, aquela abaixo do canto sudoeste da cidade amuralhada, localizada "... próxima ao mar ... à qual um pequeno caminho leva descendo a partir de uma entrada lateral". No seu mapa do sítio (ilustração em face da p. 139) ambas as fontes d'água são mostradas. Em 1922, um membro do Mandatorial Department of Antiquities fez um desenho do poço construído. O desenho ainda existe no arquivo atual da Israel Antiquities Authority de "Arsuf" no Rockefeller Museum, Jerusalem, e ainda não foi publicado. Alguns remanescentes do poço ainda são visíveis hoje e eles não mostram qualquer origem pré-moderna. Para a localização das cisternas e tanques em Arsuf, veja planta geral em anexo.
4. Para uma introdução sucinta e atualizada à história e arqueologia de Apollonia-Arsuf na Antigüidade, veja Roll 1992. Para os períodos medievais, veja Roll 1996. Quanto às linhas de comunicação entre Joppa e Jerusalém na época romana, bem como em períodos anteriores e posteriores, veja o estudo recente de Fischer *et. al.* 1996:320-338. Quanto a Caesarea, veja a mais recente coleção de artigos editada por Raban e Holum 1996, especialmente as partes X e XI. Quanto ao crescimento e declínio de Tel Michal e seu papel na história do Sharon do Sul, veja Gophna e Ayalon 1989. Quanto ao padrão de assentamento da Planície de Sharon do Sul e o papel de Apollonia aí durante os Períodos Persa e Bizantino, veja Roll e Ayalon 1988. Quanto à emergência de Apollonia como um principal centro urbano e marítimo da região, veja Roll e Ayalon 1990.
5. A sugestão de Avi-Yonah 1977:63, de atribuir a conquista de Apollonia a João Hircano, é conjectural e não apoiada por outros estudiosos, veja Jones 1971:255, Schürer 1979:114. Quanto à fundação da Apollonia helenística, sua atribuição a Seleuco I, conforme sugerido por Stark 1852:452, por Bezinger 1895:Coluna 117, e por Hölcher 1903:60, não é baseada em qualquer evidência real. Também não existem fontes que indiquem que foi fundada por Apollonius, o general selêucida sob Demetrius II, como sugerido por Conder e Kitchener 1882:137, e por Smith 1931:102, nota 4. As duas sugestões foram corretamente refutadas por Tcherikover 1970:93 e por Schürer 1979:115.
6. A diferença básica entre um ancoradouro natural e um porto construído, conforme concebida nos Períodos Helenístico Tardio e Romano Inicial, é descrita por Vitruvius V, 12, 1-2 (ed. Fensterbusch 1964:250). Houston 1988 argumenta persuasivamente que, na Antigüidade, a maioria dos portos mediterrâneos eram refúgios bem simples, enquanto que os portos construídos, como o de Óstia, eram uma exceção e não a regra. Frost 1972 sugeriu que tais refúgios pré-romanos sejam definidos como "proto-portos" e ela propôs um método digno de confiança para os prospectar, analisar e datar. Este termo também pode ser aplicado ao ancoradouro de Apollonia. Entretanto, a afirmação de Raban 1993:964 de que Apollonia não tinha ancoradouro durante o Período do Segundo Templo deve ser certamente rejeitada. Difi-

cilmente se pode aceitar a idéia de uma cidade helenística, com um ancoradouro natural em sua parte costeira, sem utilizá-lo de maneira alguma, e isto numa época em que todo o comércio era marítimo; quanto a este último ponto, veja Casson 1991:127-142, 157-169.

7. Estudiosos que lidaram com a questão normalmente afirmaram que Flávio Josefo referia-se a uma verdadeira reedificação e reconstrução das cidades, veja Jones 1971:257-258; Möller e Schmidt 1976:21; Avi-Yonah 1977:79-80; Schürer 1979:92. Mais recentemente, Isaac 1992:336-340 rejeitou esta idéia e sugeriu que medidas de natureza administrativa estavam envolvidas aqui, e não a reconstrução física dos centros urbanos. Na verdade, o domínio da arqueologia ainda não forneceu evidências suficientes para uma resposta satisfatória ao problema.
8. Na costa, Ashkelon bem pode ter servido como uma base para triangulação na Antigüidade. Entretanto, nós devemos lembrar que a costa da *Palaestina*, conforme concebida por Ptolomeu, tinha uma orientação falsa, de sudoeste a nordeste, e não uma norte-sul. Como resultado, Ptolomeu erroneamente localizou todas as cidades costeiras a norte de Ashkelon, incluindo Apollonia, na mesma linha oblíqua. Quanto a toda esta questão, veja Carmody 1976. Os escritos de Martianus Capella datam do começo do século V d.C., mas baseiam-se fortemente em fontes anteriores, veja Uhden 1935/6. O método de medições empregado por Martianus parece provir da época de Augusto, veja Dilke 1985:41-53. O nome *Apollonia Palaestinae* vem, aparentemente, para distinguir esta cidade dos muitos outros centros urbanos que tinham o nome Apollonia. Stephanus Byzantius, s.v. *Apollonia* (ed. Meinecke, 1849:105-106) menciona 25 cidades por este nome. Hirschfeld *et. al.* 1895 enumera 32 lugares chamados Apollonia na Antigüidade, e em um seminário recente um estudante meu, Ilan Shachar, apresentou 43 lugares nomeados segundo o deus Apolo.
9. Para uma edição e comentário sobre a *Tabula Peutingeriana*, veja ed. Weber 1976; *Palaestina* é representada no segmento IX. Para uma discussão geral, veja Levi e Levi 1967:97-110; Bosio 1983:177-185. A *Tabula Peutingeriana* é na verdade uma cópia medieval de um mapa de estradas romanas de c. 435 d.C., veja Weber 1989. Entretanto, a parte do mapa que representa a *Palaestina* data da segunda metade do século II d.C., veja Finkelshtein 1979; Roll 1996a:550-553, como uma pequena discussão em relação à estrada Caesarea-Apollonia-Joppa na p. 558. Para a localização geral de Apollonia na *Iudaea-Palaestina*, veja os mapas de Avi-Yonah 1965, e de Tsafir e Di Segni 1993.
10. Estrabão XVI, 2, 28 [759] atesta uma densa população judaica nas terras florestadas (Drumo/j) da Planície Costeira, um termo que é utilizado na Septuaginta (Isaias 65:10) para traduzir o nome Sharon. O estágio antigo de cristianização da Planície de Sharon do Sul, em e ao redor de Lydda, é atestado no Novo Testamento (Atos 9:35). O testemunho de Atos 10:1-9 sobre os homens enviados pelo centurião Cornélio de Caesarea a Joppa para trazer

Pedro também deve ser mencionado. Os homens tiveram que viajar por mais de um dia e o local mais apropriado para eles passarem a noite parece ter sido Apollonia, uma viagem de um dia a partir de Caesarea. Veja também quanto a este tópico Hengel 1983:169-173. A isto podemos adicionar a sugestão de Heid 1956:209, nota 43, sobre a identificação de um local a norte de Joppa chamado *Aya Petrie* pelo escritor turco do século XVI d.C. Piri Re'is. Heid identifica o local como Arsuf, e sugere que um sinal de veneração por São Pedro pode ser reconhecido em seu nome. Veja também Bagatti 1979:183.

11. De Saulcy 1874:110-111 identificou uma moeda em sua coleção, comprada em Jerusalém, como pertencendo a Apollonia *Palaestinae*, mas nenhum outro numismata o apoiou nesta opinião. Entretanto, Jones 1971:280 argumentou que "... esta omissão (de cunhagem de moedas em Apollonia) é significativa na Palestina, onde todas as cidades cunhavam; ela pode ter sido ligada a outra cidade, ou mais provavelmente ter sido reduzida a uma toparquia como suas vizinhas ao sul, Joppa, Jamnia e Azotus, por Herodes". O problema é que não há evidência alguma para apoiar tal afirmação. Além disso, a afirmação de Jones não explica por que não havia cunhagem em Apollonia antes do reinado de Herodes, enquanto isto ocorreu em Joppa, veja Kindler 1986.
12. A *Cosmografia de Ravenna* foi compilada logo depois de 700 d.C. a partir de fontes anteriores que vão até o Período Bizantino Inicial e até à época romana, veja Schnetz 1942; Schillinger-Haefele 1963; Dilke 1985:174-176. A identificação da Apollonia n.º 13 de Stephanus Byzantius (ed. Meinecke 1849:106) com Arsuf é geralmente aceita, veja especificamente Bezinger 1895: Coluna 117; Schürer 1979:114, nota 150. O topônimo *Apollonia* sobreviveu esporadicamente em listas de cidades costeiras do Levante de datas muito posteriores, como é o caso do itinerário de Theodosius Zigomalas do final do século XVI, veja Külzer 1994:142-143.
13. Seguindo a conjectura de Stark e Clermont-Ganneau, a identificação de Sozousa com Apollonia se tornou quase universalmente aceita, veja Benzinger 1895: Coluna 117; Thomsen 1907:109; Honigmann 1927: Coluna 1257; Abel 1938:247,472; Jones 1971:230,280; Avi-Yonah 1977:145; Bagatti 1979:182-183; Schürer 1979:114-115; Tsafrir *et. al.* 1994:65; Dauphin 1998, Vol. III:799. Veja entretanto Conder 1881:248, que identificou Sozousa com Deir Serur entre Caesarea e Sebaste.
14. Stephanus Byzantius (ed. Meinecke 1849:106, 596). Eu devo admitir que em algumas de minhas publicações anteriores (Roll e Ayalon 1989:25, Roll 1992:299, Roll e Ayalon 1993:72), eu era desconfiado da identificação de Sozousa com Apollonia primariamente porque Stephanus Byzantius mencionou ambos os topônimos como duas cidades diferentes. Entretanto, seguindo o argumento formulado acima, que é baseado principalmente nas publicações mais recentes de Garitte, é agora claro para mim que a identificação de Sozousa com Apollonia é válida.

15. Schwartz 1933, Vol. II/1:80, 184, 193; 1935:55, 183, 245, 255; veja também Honigman 1944:35, No. 78. Eu quero agradecer Rachel Gellert da Tel Aviv University School of History, que se especializa em Latim Medieval, por sua ajuda valiosa ao lidar com estes textos. "Baruch de Sozusa in Palaistina" também é mencionado em uma versão siríaca dos atos do sínodo, veja Fleming 1917:9. Quanto ao sínodo de Éfeso e seus resultados, veja Hefele 1908, Vol. II:555-621; Honigmann 1944:28-41. Quanto ao background histórico da Palestina, veja Abel 1952:322-343.
16. O Concílio de Calcedônia, em seus vários aspectos e resultados, é tratado em numerosas publicações. Em relação aos tópicos discutidos aqui, veja Moeller 1951; Gray 1979:7-20. Honigmann 1944:40 notou a ausência de Baruchius o bispo de Sozousa deste Concílio. Para os Concílios de Jerusalém e Constantinopla, veja Straub 1971:3, 8, 14, 20, 32, 39, 73, 137, 183, 201, 203, 221; veja também Chrysos 1966:16, 26 e 127, 145. Para uma introdução histórica a estes Concílios, veja Hefele 1908, Vol. II: 1142-1155; 1909, Vol. III:68-132; Gray 1979:61-103. Quanto ao background histórico da Palestina, veja Abel 1952:365-374. Os dados sobre os três bispos de Sozousa já haviam sido reunidos no século XVIII por Reland 1714, Vol. II:1021-1022, e por Le Quien 1740, Vol. III: Colunas 593-596; e também Fedalto 1988:1030-1031.
17. Hierocles e Georgius Cyprius (ed. Honigmann 1939:42, 67). Para uma discussão das fontes, veja a introdução de Honigmann 1939 nas pp. 1-11, 49-50; veja também os comentários de Jones 1971:514-521. Para Abu al-fath, veja os comentários de Vilmar em sua introdução na p. LXXX. Para a lucratividade da comunidade samaritana de Apollonia, veja abaixo. Entretanto, a proposta de Ben-Zvi 1933; 1976:103-104, de identificar Apollonia-Arsuf com um local chamado *Rashpin* (mencionado em Adler e Séligsohn 1902:232), dificilmente pode ser aceita. Este local deve ser identificado com *Theraspis*, isto é, Deir Asfin, conforme sugerido por Avi-Yonah 1976:101; veja também o Excursus do Capítulo 2.
18. Joannes Rufus, *Plerophoriae* (ed. Nau 1911:126); *idem*. *Petrus Iberus* (trad. Raabe, 1895:112-113). Para uma discussão mais recente da viagem de Petrus Iberus à Terra Santa, veja Kofsky 1997. A identificação de Aphthoria com Apollonia foi aceita por Avi-Yonah 1976:30, e mais recentemente por Tsafirir *et. al.* 1994:65. Entretanto, a idéia foi rejeitada por Bagatti 1979:135-136 e mais recentemente por Rosen 1991 e Schmitt 1995:60.
19. Para a linha de marcha do exército sassânida, veja a discussão recente de Schick 1995:20-25. Para a estrada costeira, veja Roll 1996a:558. Para a rendição pacífica de Arsuf, veja Schick 195:250.
20. Flusin 1992, Vol. I:105, Vol. II: 339. O topônimo *Sozousa* também é mencionado nas listas episcopais gregas (*Notitiae graecae episcopatum*) que estão registradas nos seguintes manuscritos de datas posteriores: 1. A *Notitia V* do século XII d.C., editada por Parthey 1866, na p. 143, e discutida por Laurent 1937:18-24. 2. O primeiro parágrafo do manuscrito Jerusalém do

século XIII d.C. do *Taktikon*, editado por Palamas 1864, na p. 377, e discutido por Abel 1938:202-206. 3. O manuscrito do século XV das *Notitia Antiochene* editado por Gelzer 1892, na p. 251, e discutido por Honigmann 1925. Todos estes documentos claramente utilizam fontes que vão até os séculos V-VI d.C. Entretanto, outro parágrafo do *Taktikon* (Palamas 1864:379), no qual as fronteiras dos 25 arcebispados do patriarcado de Jerusalém são descritas, “Tharsus, que é chamada Arsuf” é mencionada ao norte do mar de Joppa. Aparentemente, “Tharsus” é uma corrupção do nome Arsuf feita por um estrangeiro, como é o caso com o topônimo “Tharsuf”, mencionado entre Joppa e Caesarea pelo abade russo Daniel no relato de sua peregrinação à Terra Santa no começo do século XII d.C.; para a história de Daniel, veja Wilkinson 1988:152. De qualquer maneira, o parágrafo inteiro do *Taktikon* reflete claramente uma data pós-bizantina, e daí a própria menção do nome árabe Arsuf. Para uma tradução inglesa do *Taktikon*, que também inclui uma interpretação de alguns dos topônimos, veja Palmer 1871, Vol. II:550-554.

21. As principais fontes árabes relacionadas a Arsuf são citadas, em tradução, por Le Strange 1890:399 (veja também pp. 29, 39, 41), e por Majmardi 1951:7 (veja também pp. 105, 151, 162). Para uma discussão geral de Arsuf no Período Islâmico Inicial baseada nas fontes escritas muçulmanas do período, veja El’ad 1989:297-301; veja também Gibb 1960; Gil 1992:220. Para uma boa reprodução de uma versão persa do mapa de al-Istakhri, acompanhada por uma curta discussão, veja Nebenzahl 1986:28-29; veja também o Capítulo 2.
22. Quanto ao *Ribat* da Palestina e o sistema de aviso costeiro, veja Le Strange 1890:23-24; Fahmy 1950:55-56; El’ad 1982:155-160; Sharon 1986:90-94; Gil 1992:107-108. Quanto às comunicações terrestres de Arsuf com suas cidades vizinhas, veja Marmardji 1951:7, 103, 104; El’ad 1989:297.
23. Os estudiosos religiosos muçulmanos relacionados a Arsuf são listados e discutidos por El’ad 1989:298-301. Quanto à perseguição dos samaritanos, veja o testemunho conectado ao crônico samaritano Abulfathi, *Annales Samaritani* (ed. Vilmar 1865:LXXX), e a discussão de Ben Zvi 1933:25; 1970:103-104; Gil 1992:292-294, 822; Schick 1995:92-94. Quanto aos dados arqueológicos, veja Roll e Ayalon 1987:64-67; 1989:67-82; 1993:74. Quanto à evidência epigráfica, veja a publicação recente de Sharon 1997:112-116.
24. Descrições detalhadas destes eventos é provida por Albert de Aix, *Historia Hierosolymitana* VI, 51-53 (*RHC Oc* 1879, Vol. IV: 497-499). Apesar de Albert ter escrito cerca de 30 anos após os eventos e nunca ter visitado pessoalmente o Oriente, sua narrativa é considerada a fonte mais acurada à disposição. Sua ênfase no papel positivo de Godofredo, em sua disputa com Raimundo, é considerada verdadeira, veja Grousset 1934, Vol. I:176-177; Fink 1969:376; Aubé 1985:309-312; France 1994:365. Para uma visão diferente, veja Hill e Hill 1959:124.
25. Alberto de Aix, *Historia Hierosolymitana* VII, 1-12 (*RHC Oc* 1879, Vol.

- IV:507-515). Veja também Guilherme de Tiro, *Chronicon* IX, 19 (ed. Huygens 1986:445-446). Para uma discussão geral dos eventos, veja Grousset 1934, Vol. I:181-183; Runciman 1951, Vol. I:307-309; Prawer 1975, Vol. I:253-258; Aubé 1985:326-331. Para a cronologia dos eventos, veja Hagenmeyer 1899:495-497. Para o número de 3.000 tropas, veja Prawer 1980:89, nota 15. Para a composição do exército de Godofredo, veja Murray 1992. Para as técnicas de cerco utilizadas pelos cruzados durante a conquista das cidades costeiras, veja Rogers 1992:64-90.
26. Fulcher de Chartres, *Historia Hierosolymitana*, fornece a descrição mais confiável dos atos de Balduino II, 8, 1-7 (ed. Hagenmeyer 1913:393-400). Veja também Alberto de Aix, *Historia Hierosolymitana* VII, 54 (*RHC Oc* 1879, Vol. IV:542-543); Guilherme de Tiro, *Chronicon* X, 13 (ed. Huygens 1986:468-469); Ibn al-Qalanisi, A.H. 494 (trad. Gibb 1932:51). Para discussão, veja Grousset 1934, Vol. I:221-222; Runciman 1954, Vol. II:72-73. Para a cronologia, veja Hagenmeyer 1902:423-427. Para a ação conjunta dos genoveses com o rei Balduino I, veja Caffaro, *Annales Ianuenses* (ed. Belgrano 1890:9); Caffaro, *Liberatio Orientis* (ed. Belgrano 1890:117, 120); veja também a discussão de Favreau-Lilie 1989:93-95. O direito de Gênova de possuir um terço de Arsur é documentado na inscrição dourada de Gênova na Igreja do Santo Sepulcro, veja de Sandoli 1974:24-26. Mayer e Favreau 1976 contestaram firmemente a autenticidade desta inscrição, mas Kedar 1986 a defende fortemente. Os direitos de Gênova foram oficialmente reiterados pelo Papa Urbano II no final do século XII, veja *Papsturkunden*, Nos. 133-134, 142 (ed. Hiestand 1985:310-312, 318-319).
27. Para os eventos, veja Fulcher de Chartres, *Historia Hierosolymitana* II, 20, 1-21, 3 (ed. Hagenmeyer 1913:444-447); Alberto de Aix, *Historia Hierosolymitana* IX, 5-9 (*RHC Oc* 1879, Vol. IV:593-596); Guilherme de Tiro, *Chronicon*, X, 21 (ed. Huygens 1986:479-481). Para discussão, veja Grousset 1934, Vol. I:233-235; Runciman 1954, Vol. II:78-79; Prawer 1975, Vol. I:268-269. O nome formal da cidade cristã era aparentemente *Arsur*. Este nome foi empregado por Guilherme de Tiro, *Chronicon*, IX, 19; X, 6, 13, 21; XIV, 16 (ed. Huygens 1986:445-446, 461, 469, 479-480, 653); por seu *Continuation* 49, 143 (ed. Morgan 1982:62, 153); em *Baudouin* 31 (ed. Huygens 1996:363); em mapas de Matthew Paris (Nebenzahl 1986:36-37) e de Marinus Sanutus (*ibid.*:42-45). *Arsur* é utilizado geralmente em documentos legais do século XIII, veja *Regesta* 1893:Nos. 1099, 1100, 1302, 1313, 1450; *Cartulaire* 1899, Vol. III:Nos. 2985, 3047, 3071, 3323, 3326), *Regesta Additamentum* 1904:Nos. 1336a e 1358a, bem como na *sigilla* de dois seigneurs de Arsur (veja abaixo). Entretanto, também existiam outras versões deste nome utilizadas em fontes e documentos do período. A mais comum entre elas era *Assur*, utilizada por Alberto de Aix, *Historia Hierosolymitana* VI, 51-53 e VII, 1-12 (*RHC Oc* 1879, Vol. IV:497-499, 507-515, na p. 507: *Assur, vulgariter Arsit*); na inscrição dourada de Gênova no Santo Sepulcro (de Sandoli 1974:24-26); no anônimo *De situ* XIII, 46 (de San-

doli 1980, Vol. II:108; a frase: *Assur, quam edificavit Salomon* foi aparentemente retirada do *Liber locorum* de Jerome (ed. Klostermann 1904:35, 16), que menciona *Assur* (isto é, *Hazor*) em Judá, veja Wilkinson 1988:206, nota 2; em vários itinerários franceses, Michelant e Raynaud 1882:12, 91, 92, 191; *Assur* foi utilizado largamente na *Vulgata* e isto também poderia causar a adoção do nome, veja a discussão do editor em *Baudouin* (ed. Huygens 1996:69, nota 88). Fulcher de Chartres, *Historia Hierosolymitana*, empregou a versão *Arsuth* I, 25, 12; II, 3, 11; 8, 1-7; 20, 1-21, 3 (ed. Hagenmeyer 1913:276, 366-367, 393-400, 444-447). *Azotus* foi utilizada por Caffaro, *Annales Ianuenses* (ed. Belgrano 1890:9; *Açotus* em *Liberatio Orientis* (ed. Belgrano 1890:116, 117, 120) e por Saewulf (ed. Huygens 1994:75, o texto di "... vocatur *Arsuph* vulgariter sed latine *Azotum*"). O nome árabe *Arsuf* era geralmente empregado nas fontes muçulmanas do período, veja El'ad 1898:297; veja também o Capítulo 2. Também foi mencionado em alguns itinerários franceses, veja Michelant e Raynaud 1882:1044, 181 (como *Arsuf*). *Arzuffo* é encontrado em Marinus Sanutus e em outros *periploi* (Rey 1884:342), bem como na região mediterrânea oriental do *Catalan Atlas* (Nebenzahl 1986:46-49). Wilbrand de Oldenburg II, 2, 10 (ed. Laurent 1864:184) emprega o nome *Arsim*. Para *Tarsuf*, veja acima, nota 19. Podemos adicionar que Guilherme de Tiro IX, 19; X, 13; XIV, 16 (ed. Huygens 1986:446, 469, 653) identificou *Arsur* com *Antipatris*, como também fez Marinus Sanutus III, 6, 4 (ed. Bongars 1611:152), enquanto Eshtori HaParchi XI (ed. Luncz 1897:293) identificou *Arsuf* com *Achshaph*. Para discussão sobre o topônimo *Arsur* e suas variantes, veja De Mas Latrie 1894:585-589; Beyer 1951:152-158.

28. Para documentos que mencionem o nome João de *Arsur*, veja *Regesta* 1893:Nos. 379, 448, 552. Para 1171, veja Guilherme de Tiro, *Chronicon* XX, 22 (ed. Huygens 1986:942). Para uma discussão geral do senhorio de *Arsur* e seus senhores, veja Du Cange 1869:221-226; De Mas Latrie 1894; Beyer 1951:152-158, 178-184; Tibble 1989:52-53, 71, 77, 180-185. Para o sítio cruzado de *Arsurf*, veja Langé 1965:178; Benvenisti 1970:130-135; Roll 1996:600-606; Pringle 1997:20-21. Para sua localização no reino cruzado, veja os mapas de Salmon 1944, e de Prawer e Benvenisti 1972.
29. A queda de *Arsur* em mãos muçulmanas é documentada num texto anônimo *Continuation* 49 (ed. Morgan 1982: 62), bem como por Abu Shamah (*RHC Oc* 1898, Vol. IV: 301) e por Imad ad-Din (trad. Massé 1972:35). A demolição de seus muros é mencionada por Imad ad-Din (*ibid.*:231), por al-Maqrizi (trad. Broadhurst 1980:92) e por Abu Shamah (*RHC Oc* 1898, Vol. IV:462). Para discussão, veja Lyons and Jackson 1982:268, 317. Para a política naval de Saladino, veja Ehrenkreutz 1956:110-116.
30. As principais fontes cristãs sobre a Batalha de *Arsur* são: Ambroise, *L'Estoire*, linhas 6125-6734 (ed. Paris 1897: Colunas 163-180; para *el moster de la seinte dame*, veja linha 6725, coluna 180); *Itinerarium Ricardi* IV, 17-20 (ed. Stubbs 1864:260-277); para James de Avesnes, veja também *Era-*

- cles XXVI*, 7 (*RHC Oc* 1859, Vol. II:182-185); *Continuation* 131 (ed. Morgan 1982:132); Marinus Sanutus III, 10, 6 (ed. Bongars 1611:199). As principais fontes muçulmanas sobre a batalha são: Beha ed-Din 121 (trad. Wilson 1897:289-295); Imad ad-Din (trad. Massé 1972:340-344); Abu Shamah (*RHC Or* 1906, Vol. V:37-40. Para discussão, veja Grousset 1936, Vol. III:67-71; Runciman 1954, Vol. III:55-57; Prawer 1975, Vol. II:81-83; Lyons e Jackson 1982:337-339. Para o aspecto militar, veja Smail 1995:156-165. Para Igreja de Santa Maria, veja Pringle 1993:59-60.
31. Para a devolução de Arsur aos cruzados, veja *Eracles XXVI*, 17 (*RHC Oc* 1859, Vol. II:198-199); *Continuation* 143 (ed. Morgan 1982:153); Héthoum A. 641 (*RHC Arm* 1869, Vol. I:478). Quanto à morte de João de Arsur, veja *Lignages XII* (*RHC Lois* 1843, Vol. II:451): "... *come il chasseit en la forest d'Arzur, il se pendit de son chapiau et morut*". Quanto a Melisende e seu casamento com Thierry, veja *Lignages XI* (*ibid.*). Terricus de Orca é nomeado em diversos documentos legais datados entre 1198 e 1200, veja *Regesta* 1893:Nos. 722, 733, 744, 773, 776; em No. 746 ele tem o título *dominus de Arsur*. Para discussão, veja De Mas Latrie 1894:590; Beyer 1951:157; Rudt de Collenberg 1983:128.
32. Sobre João de Ibelin, veja o estudo básico de La Monte 1937. Para a linha de Arsur dos Ibelinos, veja Riley-Smith 1973:21-26, e a discussão detalhada em Rudt de Collenberg 1983:139-156. Para o *court et coins et justise*, veja Jean d'Ibelin 270 (*RHC Lois* 1841, Vol. I:420); para discussão, veja Prawer 1975, Vol. II:218; Edbury 1997:116, 159. Para a contribuição de Arsur de cinquenta soldados, veja Jean d'Ibelin 272 (*RHC Lois* 1841, Vol. I:427); Marinus Sanutus III, 7, 1 (ed. Bongars 1611:174); *Chiprois III*, 521 (*RHC Arm* 1906, Vol. II:820) menciona duzentos soldados. Quanto aos vassallos do senhor de Arsur, veja o documento único de 1261, em *Cartulaire* 1899, Vol. III:No. 2985, e *Regesta* 1893:No. 1302; para discussão, veja Prawer 1980:154-155; Tibble 1989:181-184.
33. *Lignages VIII* (*RHC Lois* 1843, Vol. II:449): "*Johan, le fis de Johan de Ibelin sire de Baruth, fu sire de Sur (deve ser lido Arsur) par sa mere; car les freres li laisserent avoir*". Para *Johan de Foges*, veja *Chiprois II*, 133, 164, 182 (*RHC Arm* 1906, Vol. II:682, 705, 712). João II é chamado *dominus de Arsur* em *Regesta* 1893:Nos. 1099, 1100; *sire d'Arzur* em *Lignages VIII* (*RHC Lois* 1843, Vol. II:449) e em *Eracles XXXIV*, 3 (*RHC Oc* 1859, Vol. II:442); *seignor d'Arzur* em Jean d'Ibelin 270 (*RHC Lois* 1841, Vol. I:420), e em *Chiprois III*, 259, 297 (*RHC Arm* 1906, Vol. II:741, 750). *Chiprois II*, 164 (*ibid.*:705) também afirma que João II "... *fu puir seignor de Sur (isto é, Arsur) et conestable dou royaume de Jerusalem et bail plusors feis*". Mais adiante, em *Chiprois II*, 220 (*ibid.*:728) nós lemos que no ano de 1241 "*Johan de Ybelin, fis dou seignor de Baruth, comensa a fermer le chasteau d'Arzuf*"; veja também *Annales* (ed. Röhricht e Raynaud 1884:440). Para discussão sobre João II de Arsur, veja De Mas Latrie 1894:591-593; Mayer 1978:29-35; Rudt de Collenberg 1983:140-141; Edbury 1997:63-64. Entre-

tanto, a afirmação de Ibn Shaddad (citada por Ibn al Furat, veja trad. Lyons *et. al.* 1971:73) de que Luís IX da França fortificou Arsur não é confirmada por nenhuma outra fonte e deve ser considerada cautelosamente.

34. Quanto ao casamento de João II com Alice, veja *Lignages VIII (RHC Lois 1843, Vol. II:449)*. Para sua morte em 1258, veja *Chiprois III, 297 (RHC Arm 1906, Vol. II:750)*; *Annales* (ed. Röhricht e Raynaud 1884:448). Para a sagração de Balian como cavaleiro e seu casamento com Plaisance, veja *Eracles XXXIV, 2 (RHC Oc 1859, Vol. II:441)*; *Annales* (ed. Röhricht e Raynaud 1884:446). Para o fim deste casamento, veja *Eracles XXXIV, 3 (RHC Oc 1859: Vol. II:443)*; *Annales* (ed. Röhricht e Raynaud 1884:448); veja também Marinus Sanutus III, 12, 4-5 (ed. Bongars 1611:220-221). Para discussão sobre Balian de Ibelin, veja De Mas Latrie 1894:594; Rudt de Collenberg 1983:141-143. O selo de Balian, antes localizado no arquivo da Ordem de São João em Malta, foi publicado por Paoli 1733, Vol. I:185-188, Pl. 6:64. O selo foi perdido e Schulenberger *et. al.* 1943:65, Pl. 17:1 reproduzem o desenho de Paoli; veja também de Sandoli 1974:269. Outro selo conhecido que pertenceu ao herdeiro de Balian, João IV de Ibelin de Arsur, é claramente uma imitação pobre e um pouco imaginária do primeiro selo, com inscrições ao redor em latim ao invés de francês medieval, veja Paoli 1733, Vol. I:189-191, Pl. 6:65; Schulemberger *et. al.* 1943:39, Pl. 17:2; de Sandoli 1974:270.
35. Para o *casale* não-identificado e a confirmação de Balduino III, veja *Cartulaire* 1894, Vol. I:Nos. 20 e 225; *Regesta* 1893:Nos. 57 e 293. Para os *moulinos de Arsur*, veja *Cartulaire* 1894, Vol. I:Nos. 97 e 217; *Regesta* 1893:No. 147, e *Regesta Additamentum* 1904: No. 280b. Para a transação de 1241, veja *Cartulaire* 1897, Vol. II:Nos. 2274 e 2277; *Regesta* 1893:No. 1100. Para discussão quanto à localização dos lugares, veja Clermont-Ganneau 1895. Para a transferência do senhorio de Arsur aos Hospitalários em 1261, veja *Cartulaire* 1899, Vol. III:Nos. 2985, 3047, 3071; *Regesta* 1893:Nos. 1302, 1313, 1371; *Eracles XXXIV, 4 (RHC Oc 1859, Vol. II:446)*; *Chiprois III, 328 (RHC Arm 1906, Vol. II:758-759)*; *Annales* (ed. Röhricht e Raynaud 1884:450). Para discussão, veja Delaville le Roulx 1904:215-216; Riley-Smith 1967:133-134; 1973:28-30; Prawer 1975, Vol. II:443-445; 1980:154-155; Tibble 1989:181-184. Quanto aos herdeiros posteriores do senhor de Arsur, veja De Mas Latrie 1894:594-597; Rudt de Collenberg 1983:144-156.
36. Quanto aos lucros da justiça, veja o documento de 1263 em *Cartulaire* 1899, Vol. III:No. 3071; para discussão, veja Riley-Smith 1967:133-134. Sobre a construção do *rabad*, considerada por Baybars uma quebra do tratado, veja Ibn al-Furat (trad. Lyons *et. al.* 1971:54); Ibn Abd az-Zahir (trad. Sedeque 1956:168); para discussão, veja Riley-Smith 1967:133-134. O segmento norte da muralha da cidade a leste em Apollonia-Arsuf mostra uma direção norte-sul reta, enquanto seu segmento sul (incluindo o portão da cidade) faz uma curva aguda em direção a leste. Fazendo isso, o muro engloba mais terra

na cidade. Este alargamento a leste da cidade amuralhada pode ter sido obra dos Hospitalários, que foi considerado inaceitável por Baybars (veja também, abaixo, a discussão sobre as escavações de 1996). Quanto ao dito de Baybars, veja Ibn al-Furat (trad. Lyons *et. al.* 1971:54).

37. Descrições detalhadas do cerco e conquista de Arsur são fornecidas por Ibn al-Furat (trad. Lyons *et. al.* 1971:73-78) e por al-Maqrizi 318-320 (trad. Quatremère 1840, Vol. I/2:6-10). Veja também *Chipriots* III, 328 (*RHC Arm* 1906, Vol. II:758-759); *Eracles* XXXIV, 6 (*RHC Oc* 1859, Vol. II:450); *Annales* (ed. Röhricht e Raynaud 1884:452). Para a força de tropas, veja Marinus Sanutus III, 12, 6 (ed. Bongars 1611:221); *Chronica Minor*, A.D. 1265 (ed. Holder-Egger 1879:204); e também Marshall 1992:115. Para discussão, veja Röhricht 1884:379-381; Grousset 1936, Vol. III:625; Riley-Smith 1967:134; Prawer 1975, Vol. II:467-469; Khowaiter 1978:87-88; Thorau 1992:161-162. Quanto à guerra de cercos do período, veja Marshall 1992:210-256. Quanto às operações militares mamelucas, veja Nicolle 1994. A ruína final da cidade cruzada é atestada por camadas de destruição descobertas durante as escavações das décadas de 1980 e 1990 seguindo a muralha da cidade (Áreas E, H, e J), bem como no centro (Áreas B, C e D). No castelo (Área F), blocos massivos de muros caídos e pedras de construção, que cobriram uma conflagração grossa, foram encontrados por todo o local durante as escavações de 1998. Também foram achadas lá um grande número de pedras de catapulta e pontas de flechas feitas de ferro, que ilustram claramente as violentas batalhas que foram lutadas na fortaleza. O mais longo dos dois túneis, que se estende sob castelo a partir do sul, pode bem ter sido uma das minas escavadas pelos mamelucos (veja abaixo). Vale a pena adicionar que na metade da muralha da cidade do norte (à frente da Área A nas escavações de 1950), bem como no muro externo do fosso do castelo próximo, um grande intervalo é claramente visível. Esta abertura bem pode ser um remanescente da brecha causada pelas tropas mamelucas quando forçaram seu caminho pela cidade. Outro ponto de interesse é o quebra-mar ocidental do porto do castelo, do qual apenas a trincheira de fundação cortada na rocha foi preservada. Isto contrasta fortemente com os dois outros cais do mesmo porto, que estão até que bem preservados. Podemos assumir que o cais ocidental foi desmantelado propositalmente pelos mamelucos, com a intenção de deixar as ondas continuarem o processo de demolição das fundações do castelo. Este ato teve conseqüências devastadoras nos séculos que se seguiram e hoje, de fato, toda a ala oeste do castelo cruzado jaz em ruínas na fundo do penhasco.
38. Quanto à cessão de terras por Baybars, veja Ibn al-Furat (trad. Lyons *et. al.* 1971:78-82); al-Maqrizi 321-324 (trad. Quatremère 1840, Vol. I/2:10-15); para discussão, veja Abel 1939/40; Irwin 1977:65-67. Sobre a reação de Clemente IV à queda de Arsur, veja *Cartulaire* 1899, Vol. III:3173; para discussão, veja trad. Lyons *et. al.* 1971:207-208; Tibble 1989:184-185. Quanto ao poema de Bonomel, veja *Poeste* (ed. de Bartholomaeis 1931, Vol. II:222-224); para discussão, veja Siberry 1985:194.

39. Para um sumário recente do domínio mameluco na Palestina, veja Drory 1992. Sobre a estrada principal, veja Hartmann 1910; esta estrada foi construída para servir ao sistema postal mameluco, veja Gaudefroy-Demombynes 1923:239-244; Sauvaget 1941:10-36. Para uma descrição acurada, plantas e leitura da inscrição do *haram* Sidna 'Ali, veja Mayer e Pinkerfeld 1950:36-39, Figs. 26-31, Plans 32-34; veja também Saad 1908; Guérin 1875:375; Gophna e Ayalon 1998:Site no. 16. Sobre a invasão turcomana, veja Gil 1992:409-418. Quanto à visita de Baybars ao túmulo de 'Ali, veja Ibn al-Furat (trad. Lyons *et. al.* 1971:76). Para tradições posteriores ligando os feitos de 'Ali com Baybars, veja Stanley 1871:275-276; Conder e Kitchener 1882, Vol. II:134. A reconstrução no século XV é documentada por Mujir ed-Din, veja Mayer e Pinkerfeld 1950:36-37. Sobre a tradição do século XVII, veja Roger 1664:87 e a documentação mencionada por Abel 1914:587, e por Bagatti 1979:183-184. Uma afirmação ainda mais tardia, que confundia 'Ali e o sacerdote judeu Eli e, conseqüentemente, procurava identificar Sidna 'Ali como um local sagrado venerado por samaritanos e judeus, não é baseada em evidências reais e deve ser rejeitada, veja Ben-Zvi 1976:104; Sasson 1997:101-103.
40. Reland, que publicou um estudo monumental em dois volumes da Palestina antiga em latim no começo do século XVIII, jamais visitou o Oriente. Seu trabalho é baseado em fontes escritas antigas e medievais e em informações fornecidas por viajantes antes de seu tempo. Para Apollonia-Arsuf, veja Reland 1714, Vol. II:569, 570, 573, 596; no mapa na p. 1, Apollonia está localizada a meio caminho entre Joppa e Caesarea, o que aponta em direção à área do Nahal Poleg. Este mapa também é reproduzido em Nebenzahl 1986:142-143. Jacotin (1826) foi o principal prospectador e cartógrafo para Napoleão durante a campanha francesa no Egito (1799), e o criador do primeiro mapa moderno da Palestina. Na sua Sheet No. 45, ele dá uma localização geral das ruínas de Arsuf norte e na foz do rio el-Haddar (i.e., o Nahal Poleg). Os viajantes Irby e Mangles (1844:59) anotaram que, em sua jornada de Joppa a Caesarea em 1817, eles cruzaram o rio Arsuf (novamente, o Nahal Poleg), deixando a vila com aquele nome, que eles identificaram com Apollonia, à sua esquerda. Robinson também passou pelo presumido sítio de Arsuf, sem procurar por ele, veja Robinson e Smith 1841, Vol. III:46, e o mapa anexo feito por Kiepert (1840); veja também Wilson 1847:254. Entretanto, Carl Ritter 1866, Vol. IV:266-267 informou que o viajante alemão von Wildenbruch, que explorou a região do rio Arsuf cuidadosamente no começo da década de 1840, não encontrou quaisquer traços das ruínas de Arsuf. Os resultados não poderiam ter sido diferentes, já que von Wildenbruch procurara por Arsuf no lugar errado! Entretanto, da metade do século XIX em diante, a localização verdadeira de Apollonia-Arsuf foi geralmente reconhecida. Um dos primeiros ocidentais a mencionar o sítio foi o viajante americano Lynch (1849:456), que também fornece um testemunho preocupante sobre ter visto vários pequenos barcos "... em-

barcando pedras das ruínas, para serem levadas a Jaffa”. Veja também o mapa de van de Velde (1858), que sumariza o conhecimento geográfico atualizado da região naqueles dias, e mostra corretamente a localização de Apollonia.

41. Conder e Kitchener 1882, Vol. II:137-140. A planta do sítio foi feita em 4 de maio de 1874 pelo Sargento T. Black, um oficial não-comissionado e prospectador treinado dos Engenheiros Reais, veja Conder e Kitchener 1881, Vol. I:18, 36. O rascunho original desta planta ainda pode ser visto no arquivo do Palestine Exploration Fund, Londres. Eu gostaria de agradecer S. Gibson e E. Ayalon, que perceberam sua existência e me forneceram uma cópia. A planta do SWP de Arsuf serviu como base de todas as suas publicações subseqüentes, veja a nota 52 abaixo. Quanto à localização do sítio, veja o mapa da SWP de Conder e Kitchener 1880:Sheet no. X.
42. Clermont-Ganneau lidou com os vários nomes de Apollonia-Arsuf em diversas ocasiões, veja Clermont-Ganneau 1876:373-376; 1888:1896:79, 337-339; 1897. Em 1896a:260, ele sumariza sua opinião sobre o assunto. Para uma discussão mais recente sobre a apropriação de topônimos greco-macedônicos no Oriente Helenístico, veja o estudo de Frézouls 1977, que também inclui uma discussão sobre Apollonia na p. 221. Veja também Halevi 1892; Zadok 1985; Lipinski 1995:185 e acima, notas 12, 13, 16, 17 e 26, bem como a discussão no Capítulo 2.
43. A primeira publicação completa da estátua foi fornecida por Clermont-Ganneau 1882:134, No. 121, Pl. 2:A-B (erroneamente listada na página como H). Ele argumentou que este tipo de monumento lhe lembrava Hórus (sic!), mas o monumento em si é uma reminiscência tardia do deus fenício Reshef, o epônimo patronímico de Arsuf. Entretanto, Dussaud 1903:351 identificou no monograma o nome do imperador deificado Juliano, e a própria águia era seu atributo e símbolo. Esta interpretação foi aceita por Mendel 1914m Vol. II:434-435, No. 657, que também forneceu uma boa descrição e reprodução da estátua. Para paralelos, veja o artigo ricamente documentado de Donceel-Voûte 1983 que, entretanto, não menciona o monumento aqui discutido. Veja também Roll e Ayalon 1989:46-48, que inclui uma foto (Fig. 23) feita por mim em 1982. Pode-se adicionar que Hanauer 1896:165, ao visitar o sítio, foi informado pelo encarregado do *haram* Sidna 'Ali que “... uma bonita estátua feminina” foi achada ali e enviada a Jerusalém. Clermont-Ganneau 1896a:259 retificou imediatamente o erro ao apontar que a estátua de Hanauer era a própria águia.
44. A única publicação e discussão deste monumento é de Clermont-Ganneau 1882:59, No. 5, Pl. 2:H. Quanto ao começo do uso normal de ferraduras por volta de 900 d.C., veja White 1970:9-12; Leighton 1972:104-107. Para uma discussão mais detalhada sobre ferraduras, veja Carnat 1951; de la Rocque de Sévérac 1983.
45. A inscrição foi notada pela primeira vez por Clermont-Ganneau 1882:96, No. 15, que documentou apenas suas primeiras II letras. *Editio princeps*

do texto é fornecida por Euting 1885:685, No. 80, e uma leitura completa dele por Germer-Durand 1892:247-248, No. X. Para a mais recente discussão sobre a inscrição, veja Di Segni 1994:101, No. 21, que é baseada na leitura de Germer-Durand. Klein 1920:51, No. 157, e Goodenough 1953, Vol. I:225, identificaram a inscrição como judaica. Saller 1972:2, No. 10 foi ainda mais longe e sugeriu que a inscrição indicava a existência de uma sinagoga em Apollonia, mas a idéia foi corretamente rejeitada por Hüttenmeister e Reeg 1977, Vol. I:519. Meimaris 1986:24, No. 114 considerou a inscrição cristã, mas isto já era considerado implausível por Germer-Durand 1892:248. Entretanto, Di Segni 1994:101 enfatizou suas fortes afinidades com o mundo samaritano, uma direção apoiada também por outras evidências. Deve-se acrescentar que, dadas as leituras levemente diferentes da inscrição, entre Euting e Germer-Durand, Di Segni 1994:102, No. 21a, considerou a possibilidade de que uma segunda inscrição Eij qeo\j pudesse ter sido achada em Apollonia, mas este claramente não é o caso. Sobre as lamparinas samaritanas descobertas em Apollonia, veja Sussman 1983.

46. Para uma publicação detalhada da inscrição, que inclui um desenho da pedra tumular, veja Vincent 1909:445-446, Pl. 1:1. Vincent optou pela Era Selêucida. Klein 1920:52, No. 158, e Frey 1952:118, No. 891, reproduziram o texto e o desenho de Vincent; eles mencionam as Eras Selêucida e Gabínia, sem preferência por qualquer uma delas. Meimaris 1992:117-118, No. 95, menciona duas eras possíveis: A Era Pompéia e a Era Gabínia. Para uma boa fotografia da inscrição, veja *Ktovot Mesaprot* 1972:262, No. 264.
47. As tropas britânicas que ocuparam Arsuf em dezembro de 1917 pertenciam à 157ª Brigada da 52ª Divisão, o Corpo XXI, veja Falls e Becke 1930, Vol. I:275, Sketches 20-21. Sobre o entrincheiramento das tropas "... em formidáveis sistemas de trincheiras", veja *ibid.*:351. O ataque britânico de Arsuf para o norte em setembro de 1918 foi executado pelas tropas da 180ª Brigada da 60ª Divisão, Corpo XXI, e foi apoiada por dois destróieres, *Druid* e *Forester*, veja Falls e Becke 1930, Vol. II:484-487. Para um testemunho colorido de um homem que lutou em Arsuf, veja Thompson 1929:12-25; ao visitar o sítio posteriormente, ele lembrou: "Abóbadas e alvenaria, que nos serviram de trincheiras provisórias, estão cobertas com datura e mato; . . . Irão os arqueólogos de épocas futuras, ao examinar os pilares e o castelo caído, pensar em nós que cavamos em tumbas na rocha e nos escondemos em cavernas no sopé do penhasco, enquanto os 5.9s (i.e., canhões de 150 mm) batiam nas pastagens floridas acima?" (*ibid.*:24-25). Eu gostaria de agradecer Tod e Randi Spedding, dos EUA, que participaram como voluntários nas escavações de Apollonia no começo da década de 1990, por chamar minha atenção ao livro de Thompson.
48. O primeiro relatório escrito sobre o sítio (datado de 1921) documenta sucintamente as principais características arquitetônicas acima do solo e sua preservação após a destruição da Primeira Guerra Mundial. Relatórios posteriores raramente são assinados, incluindo o relatório sobre o poço cons-

truído mencionado acima (veja Nota 2). Durante as décadas de 1930 e 1940 o sítio foi inspecionado principalmente por J. Ory, que também prestou atenção em pequenos achados e cerâmica. Durante as décadas de 1950 e 1960, relatórios e fotografias foram feitos por F. Berger, M. Prausnitz, e R. Gophna. Estes relatórios foram analisados e sumarizados por E. Ayalon, a quem agradeço.

49. Sobre a indústria do vidro em Apollonia, veja Roll e Ayalon 1989:58, 65-66. Na verdade, a indústria de vidro floresceu na época por toda a Planície de Sharon, veja *ibid.*:217-221. Para um "pavimento de vidro" similar encontrado em Beth She'arim, veja Brill 1967:92-94.
50. As escavações de 1950 iniciaram em fevereiro como uma escavação-teste sob a direção de I. Ben-Dor. P. Kahane continuou o trabalho como uma escavação de salvamento, do final de março ao final de maio do mesmo ano. O único relatório publicado pelos dois escavadores foi um artigo conjunto de duas páginas e meia em hebraico, com quatro fotografias, mas sem quaisquer plantas (Ben-Dor e Kahane 1951). Uma pequena notícia em inglês sobre as escavações foi fornecida por A. Perkins (1951:86-87, Fig. 11). J. Kaplan preparou boas plantas de três das áreas escavadas por P. Kahane, mas eles não foram publicados na época. Quando nós iniciamos a trabalhar no relatório das escavações de 1977 (veja abaixo), conseguimos permissão do chefe do Israel Department of Antiquities, A. Eitan, para conferir as notas e plantas dos escavadores, bem como a cerâmica para publicação (Roll e Ayalon 1989:54-59). Por conseguinte, eu fui capaz de formular a sucessão estratigráfica e a seqüência cronológica apresentada acima. As duas plantas reproduzidas aqui são baseadas nos desenhos originais de J. Kaplan. M. Minkowski (Megiddon) tirou as fotos, para P. Kahane.
51. Sobre a descoberta de 1962, apenas uma pequena nota sem título foi publicada em *Hadashot Arkheologiyot* 3:11. Sobre o achado adicional de 1976, veja M. Brosh (1976). A igreja de Apollonia é listada no *Corpus de Igrejas de Ovadiah* 1970:155. Quanto à inscrição, além da publicação e discussão de Birbaum e Ovadiah (1990), veja também *SEG* XL 1990:No. 1441; *Ovadiah* 1991:479-480; 1997:444-445. Para uma discussão geral sobre a tradição clássica na cultura bizantina, veja os artigos editados por Mullett e Scott 1981, especialmente aqueles das partes I e II.
52. As escavações de 1977 (licença No. A-667/76) começaram de fato em 26 de dezembro de 1976 e continuaram até a metade de agosto do ano seguinte. O plano original era escavar nas Áreas A, B e C, mas uma mudança nas exigências ocorreu logo a seguir e a Área A foi trocada pela Área D. A supervisão de área foi executada por S. Shalev, G. Lechner e Z. Ben Nahum, e o registro por V. Shalev. As plantas foram desenhadas por S. Moshkovitz, J. Dekel, e O. Paran, e a seção principal da Área B por D. Egozi. As fotografias diárias foram feitas por E. Ayalon e por mim e as fotos gerais por A. Hay e M. Weiberg. A principal força de trabalho consistiu de cerca de 1.200 alunos de seis escolas de ensino médio de Herzliya e proximidades. Eles tra-

- balharam em grupos de 40 a 80 alunos por uma semana como parte de seu Serviço Nacional de Educação. Estudantes de arqueologia da Universidade de Tel Aviv, estudantes do Instituto Avshalom, e voluntários de todas as idades também participaram das escavações. Para uma publicação preliminar destas escavações, veja Roll e Ayalon 1989:29-117; veja também Roll e Ayalon 1982; 1993. Para uma discussão específica da rua do mercado do Período Islâmico Inicial, veja Roll e Ayalon 1987.
53. Para as investigações fora das áreas escavadas, veja Roll e Ayalon 1989:59-62, 77-78. As fotos aéreas militares que apresentam o sítio e foram analisadas por nós incluem: fotos alemãs tiradas pelos pilotos do famoso Esquadrão Bávaro 304 em dezembro de 1917, legendas nos. 20-22 (eu gostaria de agradecer a B. Z. Kedar que as encontrou e pediu boas reproduções delas no Bayerische Hauptstaatsarchiv München); fotos britânicas da série PS 3 tiradas pela RAF em dezembro de 1944, legendas nos. 6035 e 6036; fotos da Força Aérea Israelense, da série MM 514, tiradas em fevereiro de 1977, legendas nos. 5978-5980. A planta atualizada de Apollonia-Arsuf tomou-se a planta padrão de praticamente todas as nossas publicações durante a década de 1980 e começo da década de 1990, veja Roll 1996:604, Roll e Ayalon 1982:17; 1987:62; 1989:27; 1993:72.
54. As escavações de 1980 (licença No. A-1007/80) ocorreram em dezembro, com um pequeno grupo de voluntários israelenses, e duraram dez dias. As escavações de 1981 (licença No. A-1059/81) foram executadas em julho e duraram quatro semanas. M. Roberger foi o supervisor de área na Área E e T. Tsuk na Área F. O registro, fotografia e plantas foram feitos por E. Ayalon e por mim. A força de trabalho incluiu estudantes de arqueologia da Universidade de Tel Aviv, um grupo de voluntários do estrangeiro organizado pela seção israelense do Rotary, voluntários israelenses de Herzliya e proximidades, e um grupo de jovens do vizinho Youth Correctional Center de Mizpeh-Yam e seus instrutores. Para uma pequena notícia das escavações, veja Roll e Ayalon 1980. Para uma discussão geral, veja Roll e Ayalon 1989:38-46.
55. A principal força de trabalho nas escavações de 1982-1984 consistiu de alunos da American International School acompanhados por seus professores e alguns de seus pais, numa iniciativa de seu Superintendente, F. Broman. Assim, nós tivemos que ajustar nosso cronograma da escavação para fechar com os horários deles. Como resultado, as escavações foram executadas em dois termos, cada um por duas semanas, um termo na primavera e outro no final do outono. As escavações de 1982 (licença No. A-1116/82, que se tornaria posteriormente G-2/82) ocorreram no final de março e começo de abril, e novamente no começo de dezembro. As escavações de 1983 (licença No. A-1194/83, que depois se tornaria G-30/83) duraram apenas um termo de duas semanas, em outubro. As escavações de 1984 (licença No. G-1/84) foram novamente executadas em dois termos de duas semanas cada, no final de março e começo de abril, e em outubro. Os supervisores da Área H foram S. Shalev e

S. Harpazi (1982), B. Schotl (1983) e B. Davis (1984). O supervisor da Área F foi S. Pifano (1982 e 1983). E. Khoury fez o registro nas três temporadas. Eu fiz as plantas e fotografias da escavação. A pequena escavação-teste na Área G foi feita no termo da primavera de 1984 por um grupo de voluntários do Instituto Avshalom em Tel Aviv sob a supervisão de E. Ayalon. Sobre o método de alicerçar os muros no leito de areia da praia, veja Roll e Ayalon 1987:67, 1989:75-76. Este método parece continuar uma tradição que remonta a épocas bizantinas (veja abaixo, as escavações de 1996) e persas neste sítio (veja o Capítulo 3.2) e mesmo antes, para o que veja Van Beek 1996.

56. As escavações de 1990 (licença no. G-71/90) duraram apenas três semanas, em outubro, e foram planejadas como a temporada de abertura de atividades arqueológicas renovadas no sítio após um intervalo de seis anos. A força de trabalho incluiu estudantes de arqueologia clássica da Universidade de Tel Aviv, alunos, parentes e professores da American International School em Kefar Shmaryahu, voluntários de Herzliya, e a equipe de escavação de Horvat Migdal sob a supervisão de E. Ayalon. Eu fiz todo o registro. Ajuda financeira foi fornecida pelo Haya Kleinstub Fund e pela Friends Association of the Institute of Archaeology, ambos da Universidade de Tel Aviv. As escavações de 1991 (licença no. G-38/91) duraram por oito semanas, durante outubro e novembro, e a principal força de trabalho consistiu novamente de alunos, parentes e professores da American International School. A supervisão de área e registro foram executados por G. Gilboa na Área E, e por K. Singer na Área H. Durante as escavações de 1992 (licença no. G-116/92), que também duraram oito semanas da metade de setembro ao início de novembro, a maioria dos objetivos de toda a série de quatro temporadas no começo da década de 1990 na Área E foi alcançada. A principal força de trabalho consistiu de um grande número de estudantes secundários israelenses de Herzliya, bem como voluntários e trabalhadores da área de Tel Aviv. O pessoal sênior incluía G. Gilboa (diretor assistente), M. Feilstocker e D. Roschal (supervisores de área), L. Wexler (registro) e Y. Tepper (prospectador). As escavações de 1993 (licença no. G-93/93) foram planejadas para serem um projeto ainda maior, mas duraram apenas uma semana por falta de financiamento. Trabalho em pequena escala foi feito com alguns poucos voluntários nas salas romanas da Área E. Para pequenos relatórios destas escavações, veja Roll 1992a; 1995; veja também Wolff 1994:514-515. Wexler e Gilboa (1994; 1996) publicaram achados sobre um anel/selo e sobre lamparinas do período romano. Alguma parte da cerâmica decorada importada do período cruzado foi publicada e discutida por Boas (1994), e em Avissar *et. al.* (1995:64-122, *passim*). A artista, A. Yamim, desenhou três reconstruções de Apollonia-Arsuf baseadas nos dados arqueológicos conhecidos na época: a) toda a cidade e castelo cruzados, visão para leste; b) o castelo cruzado, visão para noroeste; c) a rua de mercado do Período Islâmico Inicial, visão para noroeste. Veja Wolff 1994:515, Fig. 44; Roll 1996:604-606, Figs. 2-3 e 5. Sobre a rua de mercado, veja Fig. 1.24. A. Kin-

dlar e o Eretz Israel Museum, Tel Aviv, identificaram o tesouro de moedas do século XVI.

57. Para uma descrição detalhada, veja Grossmann 1995:67-176. Para relatos atuais das prospecções, veja Grossmann 1991; 1992; 1995a; 1997; e Galili *et. al.* 1992; 1993:63-64. Sobre achados específicos, veja Grossmann 1993; 1994; Galili *et. al.* 1994:95; Grossmann e Kingsley 1996. Sobre os testes químicos das amostras de argamassa dos molhes, e sobre a possível existência de um sistema de sedimentação baseado nas correntes no porto construído de Apollonia-Arsuf, veja Grossmann 1997a:82-83. Entretanto, Hohlfelder 1996:81-83 considera a própria existência de tais sistemas de sedimentação na Antigüidade como problemática. A sugestão de Raban (1993:964) sobre o porto construído pelos cruzados como sendo um anexo defensivo inferior do castelo, e não como uma instalação marítima, deve ser certamente rejeitada. Veja a nota 5 acima.
58. O túnel que leva ao porto foi prospectado no começo da década de 1950, e uma planta foi então feita para o Department of Antiquities e arquivada nos arquivos do sítio. Ela não foi publicada. O túnel recentemente descoberto foi prospectado por uma equipe da Israel Antiquities Authority liderada por Y. Porath (1990).
59. As escavações de 1996 (licença no. G-36/96) duraram cinco semanas, do final de julho através de agosto, sob minha direção. O pessoal sênior incluía H. Yohanan (diretor assistente e supervisor da Área J), A. Rosenberger (supervisor da Área K e prospectador), E. Manor (supervisor das trincheiras), I. Bachar (registro), P. Shrago (fotógrafo), e T. Lavy (administrador). L. Wexler empreendeu estudos nas cerâmicas, principalmente dos Períodos Medievais Iniciais. D. Roshal iniciou seu projeto de pesquisa pelo título de PhD. no Underglazed Black on White painted ware. A. Rosenberger preparou uma nova planta de todo o sítio, que serve de planta-base de Apollonia-Arsuf na presente publicação. A força de trabalho incluía cerca de 25 trabalhadores, principalmente jovens de Herzliya e Netanya, que estavam organizados em uma companhia pessoal Atid Ltd. A administração financeira das escavações foi executada por Ramot Ltd. em nome do Institute of Archaeology da Tel Aviv University. Yahel Engineers Ltd. representaram a Land Administration of Israel nas escavações. Para um relatório preliminar das escavações, veja Roll 1997. Sobre os enterramentos recentemente descobertos, sua natureza só será melhor conhecida após escavações adicionais na área. Segundo nosso conhecimento atual, o local de enterramentos principal da Apollonia Romana e Bizantina se estendia segundo a cadeia de calcário norte-sul localizada cerca de 1,5 km mais a leste, veja Tal 1995. A estimativa atual de 280 dunams da área urbana da Apollonia Bizantina representa a metade do tamanho de nossa estimativa anterior (Roll e Ayalon 1989:64; 1993:73). Nela, nós baseáramos nosso número (de 550 a 600 dunams) no método geralmente aceito de discernir a amplitude da cerâmica com bordas salientes na superfície, apenas utili-

zando-se prospecção. As descobertas atuais mostraram bem claramente as limitações deste método.

60. O termo de verão das escavações de 1998 (licença no. G-94/98) foi dirigido conjuntamente por F. Marshall e Porto Alegre e por mim. O pessoal sênior incluía H. Yohanan (diretor-assistente), C. G. Sobrinho (coordenação), R. Rech (registro), A. Barcelos (fotografia), e Y. Tepper (administração). Doze estudantes do Brasil, seis estudantes da Universidade de Tel Aviv, e um até vinte voluntários de Herzliya participaram das escavações. O município de Herzliya forneceu a base para as escavações, nas instalações Reshef, bem como apoio logístico em vários domínios. Eu conduzi o termo de inverno das escavações de 1998, com a participação de H. Yohanan (diretor-assistente), I. Shachar e Y. Tepper (supervisores de área), S. Paz e H. Garabli (registro), e T. Lavy (administração). Eu tirei as fotografias diárias, mas as fotografias finais foram feitas por P. Shrago. B. Arubas fez a prospecção e desenho das plantas finais da *villa* romana e do castelo cruzado. A força de trabalho incluiu até 70 trabalhadores fornecidos pela Israel Antiquities Authority. A Authority of the Protection of Nature and National Parks executou ações preliminares de conservação na *villa* romana na Área E. Ramot Ltd. executou a administração financeira das escavações em ambos os termos. Para uma discussão geral sobre as *villae maritimae*, veja McKay 1975:115-128. A origem do tipo descoberto em Apollonia parece ser a casa urbana peristilada italiana, um exemplar próximo da qual foi encontrado em Óstia, veja McKay 1975:78, Fig. 27. Para uma discussão mais recente do assunto, veja Smith 1997:183-190. Sobre o terremoto de 113/114 d.C., veja a discussão persuasiva de Russell 1985:40-41. Amiram *et. al.* 1994:265 e 294 datam o terremoto em discussão no ano de 115 d.C., e sugerem também a ocorrência de outro terremoto, em 130 d.C., mas isso é problemático, como apontado anteriormente por Russell.
61. O termo de agosto das escavações de 1999 (licença no. G-94/99) também foi dirigido conjuntamente por F. Marshall e por mim. O pessoal sênior incluiu H. Yohanan (diretor-assistente), Y. Tepper (supervisor de área) e R. Rech (registro). As fotografias foram feitas por uma equipe de três brasileiros. A força de trabalho incluiu seis estudantes do Brasil, cinco voluntários de Israel e oito trabalhadores alocados pela Authority of the Protection of Nature and National Parks. A Municipalidade de Herzliya novamente alocou as instalações Reshef como base para as escavações. As escavações atuais (outono de 1999) são dirigidas por mim com a participação de H. Yohanan (diretor-assistente e supervisor de área), Y. Tepper (supervisor de área), T. Harpak (registro) e Y. Ullitzki (prospecção e desenho). As fotografias estão sendo feitas pelos supervisores de área. A força de trabalho incluiu até 35 trabalhadores, que foram fornecidos pela Authority for the Protection of Nature and National Parks.
62. O período de verão das escavações de 2000, AP XIV 2000, foram conduzidos conjuntamente por Francisco Marshall, Maria Beatriz Borba Florenza-

no e Carlos Roberto Galvão Sobrinho, do Brasil, e por mim. A coordenação incluiu H. Yohanan (diretor adjunto), T. Harpak (registro); participaram das escavações 3 estudantes do Brasil, 6 estudantes da Tel Aviv University, 12 estudantes secundaristas da Alemanha, trabalhadores e voluntários de Herzliya. A Municipalidade de Herzliya ofereceu a base para as escavações, na Reshef Facilities, assim como suporte de logística em vários domínios.

63. O período de verão das escavações de 2002, AP XV 2002, número de licença G28/2002, foram conduzidos conjuntamente por Raquel Rech do Brasil e por mim. A coordenação incluiu H. Yohanan (diretor adjunto), T. Harpak (registro) e O. Tal (supervisor de área). 3 estudantes do Brasil, 8 da Tel Aviv University e trabalhadores e voluntários de Herzliya participaram das escavações. A Municipalidade de Herzliya ofereceu a base para as escavações, na Reshef Facilities, assim como amplo suporte de logística.